

BOLETIM



FORMAÇÃO EM
PSICANÁLISE

ANO VI . VOL VI . Nº 1 . JANEIRO / JUNHO 1997



PUBLICAÇÃO DO
DEPARTAMENTO
FORMAÇÃO EM
PSICANÁLISE DO
INSTITUTO SEDES
SAPIENTIAE

Conselho editorial

Claudia Paula Leicand

Ede de Oliveira Silva

Emir Tomazelli

Fernanda Pinto Freire

Maria Luiza Scrosoppi Persicano

Nora Miguelez

Suely Gevertz

Suzana Alves Viana

Comissão de publicação

Kátia Eliana B. de Novaes

Luiz Eduardo P. Aragon

Mônica Musatti Cytrynowicz

Ruberval José Gozzo

**Comissão editorial do Boletim
Formação em Psicanálise**

Katia Eliana B. de Novaes

Mônica Musatti Cytrynowicz

Nora Miguelez

Suzana Maria Prates Gomes

Comissão editorial do jornal "Acto Falho"

Lucianne Sant'Anna de Menezes

Luiz Eduardo P. Aragon

Ruberval José Gozzo

Suzana Gomes Prates

Capa e Projeto Gráfico

Yvonne Saruê

Produção Gráfica

Poato Composite

Fone: 211-5522

Revisão

João Vaz

Jornalista responsável

Marcos Daniel Cézari - MTPS - 11.193



*Rua Ministro Godoy, 1484 - Perdizes
05015-001 - São Paulo - SP*

Fones: (011) 262-8024 / 65-8499

Fax: (011) 873-2314

05/06/97

TOMBO Nº 218

"Dando continuidade à nossa proposta de produzir uma revista cada vez mais voltada à transmissão da psicanálise e ao intercâmbio entre profissionais em formação, estamos apresentando novo volume do Boletim.

No primeiro artigo, retirado de uma conferência proferida no Sedes, Joel Birman nos traz uma atualização do "Mal-estar da Civilização" neste fim de século – e de milênio. Discute, ainda, o lugar e o papel da psicanálise nesse contexto, suscitando dúvidas que nos são tão familiares no presente momento.

Apresentamos também uma palestra de Silvia Bleichmar, proferida no Sedes em 1993, na qual trata de maneira original e própria conceitos fundamentais da psicanálise.

Roberto Antonucci apresenta uma contribuição importante para a compreensão do autismo, discutindo, basicamente, o que ele denomina de "transferência ao inverso", em contraposição à transferência neurótica/psicótica.

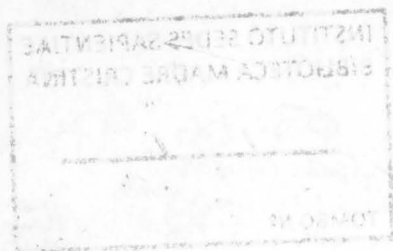
Na entrevista com o Dr. Donald Meltzer, realizada pelo Departamento Formação em Psicanálise, em São Paulo, sobressai a afirmação de que o impacto estético é temido pelo Homem.

A propósito dessa entrevista, temos dois comentários: o de João Augusto Frayze-Pereira e o de Gilberto Safra, que, por vias diferentes, discutem a beleza e a experiência estética, atualizando, um do ponto de vista filosófico, outro do ponto de vista clínico, esse tema tão instigante.

Por fim, inaugurando a Seção de Resenhas, Marina Ferreira da Rosa Ribeiro nos apresenta a Revista Portuguesa de Psicanálise.

Esperamos, caro leitor, que a leitura deste volume possa ser tão prazerosa para você quanto nos foi produzi-lo.

Os editores



SUMÁRIO

ARTIGOS

Sobre as Conseqüências das Novas Condições do
Mal-estar na Civilização

Joel Birman

9

A Concepção do Originário em Psicanálise, Conseqüências na
Clínica de Crianças e Adultos

Silvia Bleichmar

27

Transferência em Estados Autísticos

Roberto Antonucci

53

LEITURAS

Entrevista: Donald Meltzer fala ao Formação

65

A Propósito da Entrevista de Donald Meltzer

Gilberto Safrá

71

Interrogando a Beleza

João Augusto Frayze-Pereira

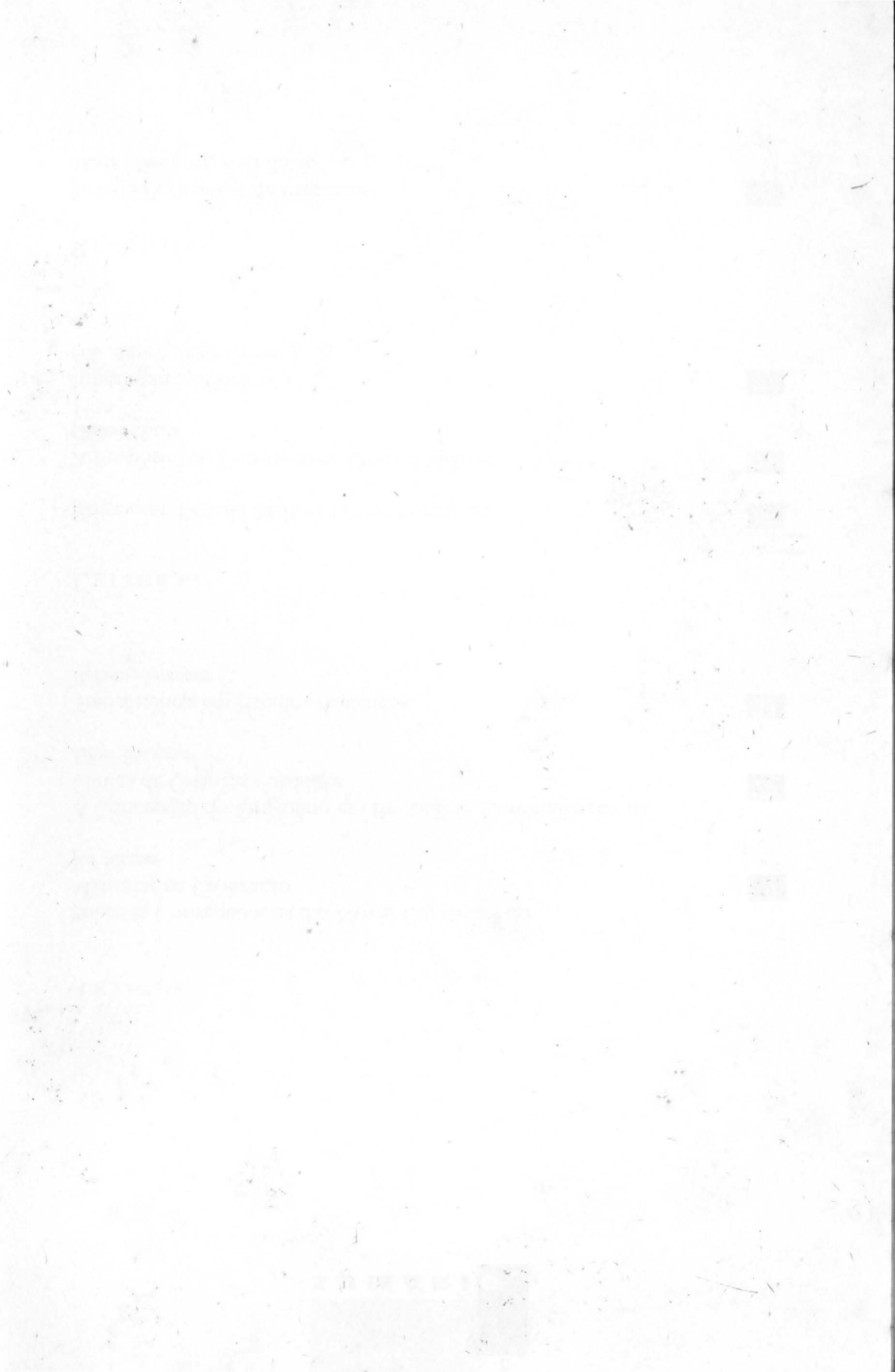
77

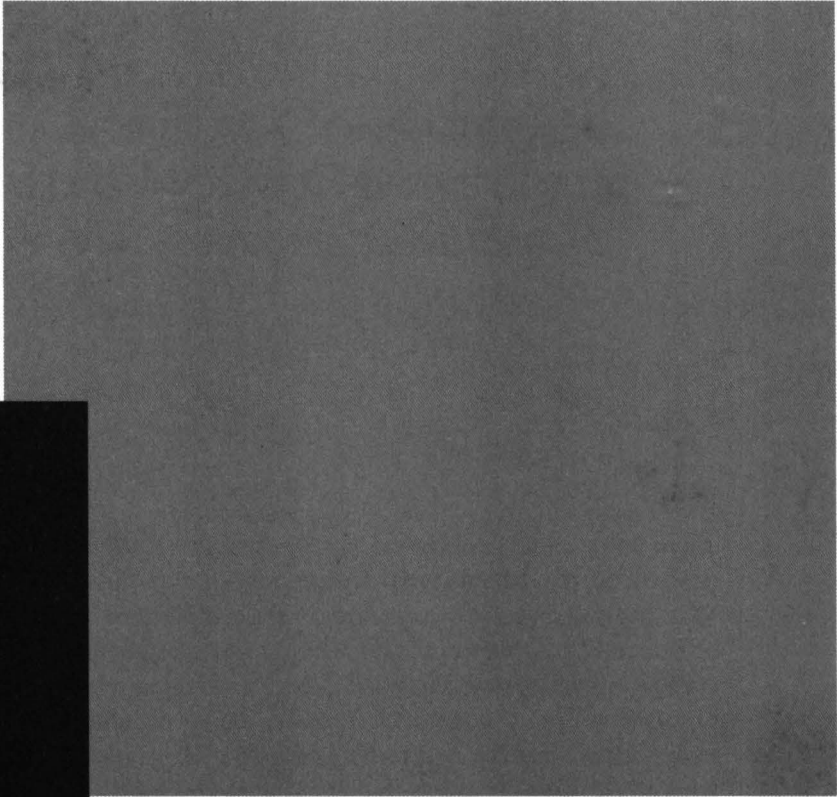
RESENHAS

Revista Portuguesa de Psicanálise

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro

83





A R T I G O S

SOBRE AS CONSEQUÊNCIAS DAS NOVAS CONDIÇÕES DO MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO*

Joel Birman**

Há um momento em que se impõe a cultura como sendo uma questão fundamental para Freud. É em função disso mesmo que ele rompe com o modelo solipsista de subjetividade, um primeiro modelo, e cria um modelo alteritário de subjetividade, segundo modelo. Neste último modelo, o analista está implicado no processo analítico, implicado pelo impacto do sistema pulsional do analisando, em que o analista vai funcionar como um elemento de regulação ou de desregulação desse sistema pulsional. Um modelo, pois, que muda toda a representação do ato analítico, no qual, analista está comprometido com o processo de criação da própria possibilidade da análise, no qual o analista faz parte do jogo constitutivo da subjetividade, isto é, no qual o outro faz parte do jogo constitutivo da subjetividade. A questão da alteridade se coloca como uma questão-chave dentro do campo da teorização e do exercício da prática psicanalítica, rompendo com o modelo solipsista anterior.

Estava relendo agora o livro de Ricoeur sobre Freud, e, é muito interessante, porque ele, por caminhos diferentes, faz a mesma constatação da obra de Freud. Ele diz que o modelo solipsista inicial do Freud, modelo de inconsciente, pré-consciente, consciente, modelo representativo tradicional, é um modelo que não dá margem para a psicanálise pensar a questão da cultura, exatamente por ser

* Conferência proferida no Instituto Sedes Sapientiae.

** Psicanalista, professor do doutorado do Instituto de Psicologia UFRJ e da Universidade do Estado do Rio de Janeiro.

solipsista. A psicanálise só se defrontou com a questão da cultura a partir exatamente do momento em que se confrontaram essas duas potências: pulsão, por um lado, e cultura, por outro. Aí foi possível para Freud pensar, em psicanálise, numa teoria da cultura.

Se pensarmos que inicialmente Freud considerava o mito como sendo um equivalente do sonho ou a obra de arte como o equivalente do sintoma, isso é muito pouco para uma teoria da cultura. Para que serve essa leitura? Para descobrir os supostos desejos do inconsciente universal presentes na produção mítica? Qual o ganho que isso nos oferece? Nenhum! Que isso tenha tido um sentido teórico e experimental para Freud, verificando que a psicanálise era verdadeira quando as pessoas não acreditavam, tudo bem. Mas isso é uma função tática, se a gente for pensar isso em termos políticos, porém, não traz nenhuma contribuição efetiva da psicanálise para uma teoria da cultura.

No último modelo, na crítica que Freud faz a si mesmo a partir de 1920, começa-se a esboçar a possibilidade na psicanálise de uma subjetividade pensada no âmbito da cultura, em que a questão do mal-estar é essencial, exatamente porque esse mal-estar fala dessa assimetria entre as forças pulsionais – pulsão de morte se quiserem – e o sistema de representação. É diante dessa assimetria e dicotomia que Freud vai fazer a leitura do mal-estar na civilização e de uma certa inevitabilidade desse mal-estar na civilização, por causa justamente dessa assimetria e dessa separação entre intensidade pulsional e sistemas representacionais.

Esse é o ponto que eu julgo como fundamental no percurso freudiano, para dar o passo seguinte que eu acho igualmente importante.

Podemos considerar, se quisermos, a leitura freudiana sobre a cultura como uma espécie de teoria universalista da cultura; não ilusionista, bem entendido, mas universalista. Digamos que Freud estaria dizendo assim: “Vai existir sempre uma desarmonia entre pulsão e cultura.” O que é verdade numa certa medida, sem dúvida, mas insuficiente. Mas podemos ler os textos freudianos para além dessa constatação, dando com isso um passo além. Parece-me que Freud é mais ousado, pois quando faz essa construção do mal-estar da civilização, está realizando o que denomino de uma leitura psicanalítica da modernidade. Aquela vai além da afirmação simples de que ele estaria esboçando uma teoria da cultura baseada na idéia de mal-estar.

A leitura que Freud está fazendo do mal-estar da civilização está baseada na categoria, que vai se destacando nos textos deste período final, de desamparo, isto é, de uma angústia ligada ao desamparo. Essa angústia do desamparo estaria intimamente ligada à distância abissal que existe entre a intensidade das pulsões e os sistemas de representações. Nós somos desamparados por vocação, exatamente porque há um hiato, uma distância incomensurável entre intensidade das pulsões e sistemas de representações. Por mais que nós simbolizemos as nossas intensidades pulsionais, elas estão sempre desarrumando os nossos sistemas de representações. Nesse sentido é que Freud fala que a pulsão é uma exigência de trabalho, exigência de trabalho de simbolização, demanda de representação. É, pois, uma exigência de trabalho, porque a força pulsional não se esgota na absorção dos sistemas de representações, como Freud acreditou inicialmente.

É no âmago da teoria do desamparo, na oposição radical entre pulsão e representação, que, parece-me, vai caracterizar, além de uma teoria da cultura na psicanálise, a leitura que Freud realizou da modernidade. E por modernidade nós entendemos o projeto que a definiu, isto é, o projeto iluminista. Foi no projeto iluminista que Freud se baseou no seus primeiros modelos do aparelho psíquico, no qual examinou seriamente a construção de um modelo científico para a psicanálise e fez a construção da sua primeira teoria das pulsões, com todas as consequências dessa para o modelo do ato de psicanalisar.

Freud estaria fazendo aqui, na maturidade, uma crítica aos projetos iluministas, modernidade, ao lado de uma autocrítica, como se dizia antigamente. Freud estaria fazendo, pois, uma autocrítica às suas próprias produções, uma autocrítica na prática, como se dizia mais especificamente, da sua prática como teorizador da psicanálise. Parece-me que é interessante como proposta de trabalho, para nós podermos pensar e discutir, considerar que Freud faz uma leitura da modernidade a partir dessa idéia de mal-estar, fundada na idéia de desamparo, que podemos legitimamente contrapor, não no sentido de se dizer se é melhor ou pior, mas mostrar uma versão da modernidade, a de Freud e da psicanálise, como diferente da leitura, por exemplo, de Weber ou de Heidegger sobre a modernidade.

Qual a leitura de Weber sobre a modernidade? A leitura dele sobre a modernidade se baseia na cientificidade que impera na

modernidade. Toda leitura que Weber realizou na “Ética Protestante e o Espírito do Capitalismo”, foi para dizer que aquilo que produz e que marca a modernidade é o desencantamento do mundo. O mundo é desencantado, pois os deuses são silenciados; já que o mundo é submetido, cada vez mais, às regularidades da racionalidade científica, o processo de racionalização do mundo seria correlato do desencantamento e do silêncio dos deuses que caracterizam a modernidade. Foi essa a leitura de Weber sobre a modernidade em termos gerais. Podemos dizer que Heidegger tem uma outra leitura de ordem filosófica, pela qual a modernidade se caracterizaria pela constatação de que não existiria mais Deus. Com isso, Heidegger se aproximaria um pouco da caracterização que Nietzsche fez sobre a modernidade, que viveríamos num mundo sem Deus. Seria na medida, pois, em que vivemos num mundo sem Deus, sem transcendência, que estaríamos sujeitos aos processos de interpretação. Enfim, seria esta uma outra leitura da modernidade.

Contra-pondo-se a essas concepções, a leitura que Freud faz da modernidade é centrada na idéia de desamparo. Assim, o tipo de subjetividade que a modernidade teria produzido seria uma subjetividade em que a oposição entre pulsão e representação se produziu. Vale dizer, uma forma de sujeito no qual um hiato se produziu entre pulsionalidade – ou intensidade pulsional – e sistemas simbólicos. O que corresponderia, então, ao processo de constituição de uma forma de subjetividade até então inexistente. Digamos que a leitura que Freud fez da modernidade seja essa. Além disso, os problemas que Freud levantou a respeito da modernidade são estes e que, conseqüentemente, o diagnóstico de Freud sobre a modernidade é que ela leva necessariamente ao mal-estar e, enfim, a maneira pela qual a modernidade está construída produz necessariamente um sujeito marcado pelo mal-estar. Quer dizer, a não ser que se reinvente uma outra civilização, esta tal como está construída provoca a separação entre intensidade das pulsões e o mundo da representação, isto é, provoca um hiato que tem como conseqüência a sensação de desamparo do sujeito diante do mundo, diante do outro e diante de seu próprio corpo. Seria essa é a leitura freudiana da modernidade.

Eu estou insistindo nessa versão freudiana da modernidade porque a partir de agora podemos tentar fazer algumas articulações para falarmos tanto do compromisso da psicanálise no ocultamento desse mal-estar – que foi o diagnóstico freudiano da modernidade – quanto também da forma pela qual os analistas se engajaram, de forma direta

ou indireta, no nosso tempo, com certas formas de sugestão e, mesmo, com certas formas de sedução oferecidas pela cultura do Ocidente, para lidar com o tal do mal-estar, com o desamparo. Nós vivemos hoje em uma situação na qual, não obstante vivemos num mundo absolutamente cientificado – a nossa vida é totalmente atravessada de racionalidade científica, mas talvez não exatamente como Weber pensava – porém, nós encantamos até mesmo esses objetos tecnológicos, como, por exemplo, os computadores. Nós transformamos essas máquinas num fetiche: cada um de nós tem o seu computador de algibeira – quando não tem também a sua carteira de telefone de algibeira eletrônica. Nós encantamos esses objetos da mesma forma que outrora encantávamos os deuses, não obstante vivermos num mundo absolutamente racionalizado e cientificado. Nós vivemos, pois, a partir dos anos 50 e 60, num momento particular da história do Ocidente, no qual – não obstante todo o desenvolvimento tecnológico e científico, que marca a nossa vida nos seus menores detalhes – não temos mais a crença absoluta na ciência que o doutor Freud tinha. Freud ainda acreditava que a ciência poderia ser um antídoto contra as ilusões. Hoje nós vivemos de forma acentuada a descrença de que a racionalidade científica possa nos valer de alguma coisa para lidar com o impacto das nossas intensidades emocionais e com a imprevisibilidade do mundo.

É o que faz com que vivamos num espaço que, apesar de inteiramente cientificado, é marcado por uma descrença do valor da ciência, no sentido de que esta possa suavizar as nossas aflições. De maneira paradoxal, na segunda metade do século XX, sobretudo a partir dos anos 70 e 80, nós tentamos lidar com o nosso mal-estar através de determinadas sugestões oferecidas pelo mundo da ciência e, por outro lado, nós tentamos buscar novas formas de lidar com as nossas intensidades pulsionais através das ofertas do mundo da religião.

É bastante paradoxal esse momento que vivemos da história do Ocidente. Por um lado, nos valemos de mil formas oferecidas pela ciência com uma finalidade mágica, mas, pelo outro, embarcamos numa série de soluções absolutamente religiosas, que convivem ao mesmo tempo. Parece-me que é nesse impasse que a psicanálise se situa e que é aí que podemos pensar no lugar desta nas novas formas do mal-estar na civilização.

Pelo lado da ciência, acompanhamos, desde os anos 50, o crescimento exuberante de toda uma tecnologia de ordem farmacológica, particularmente de ordem psicofarmacológica, que tem

como finalidade fazer crer ao conjunto dos mortais que finalmente nós estamos diante de drogas capazes de sedar o dito mal-estar provocado pela civilização. Quer dizer, o mundo das drogas, o mundo dos psicotrópicos, sejam eles de que ordem for, leves ou pesados, (vai desde o Haldol até o Lexotan que algumas pessoas tomam até por hábitos todas as noites), tem como função toda uma crença de que, finalmente, por meio da razão científica e tecnológica nós podemos lidar com o nosso mal-estar. Vale dizer, acredita-se que se poderia fechar o hiato entre a intensidade das pulsões e insuficiência dos processos de simbolização. Enfim, que possamos finalmente, através das drogas, retomar uma atitude arrogante diante do desamparo.

Isso é importante porque a revolução psiquiátrica no mundo da psicofarmacologia, e o desenvolvimento das neurociências e da neuroquímica querem fazer crer que finalmente através das drogas nós estaríamos entrando numa outra idade, o terceiro milênio, no qual seria possível finalmente o domínio da dor humana, que Freud denominou de desamparo.

Decorrencia desse postulado, dessa idéia, é que o mundo da psicofarmacologia é irmão gêmeo do mundo da narcotraficância, isto é, ambos fazem parte do mesmo projeto ético. Enquanto o mundo psiquiátrico propõe drogas sedativas para que possamos lidar com o nosso mal-estar, que possamos fechar a distância angustiante entre pulsão e representação, o mundo da narcotraficância nos oferece formas de entrarmos no sonho dionisiaco, no qual o afrontamento com esse abismo não vai se colocar. Do ponto de vista de uma leitura estritamente histórica, é óbvio que o mundo do narcotráfico se desenvolveu a partir das aquisições tecnológicas da revolução psicofarmacológica. Não há possibilidade de se pensar no crescimento e na extensão recente que teve o mundo das drogas na sociedade ocidental, a partir dos anos 60 e 70, sem que houvesse anteriormente caução científica oferecida pela revolução psicofarmacológica. É como se a revolução psicofarmacológica fosse uma espécie de braço direito do desenvolvimento desse mundo das drogas, pois o mundo da narcotraficância é baseado evidentemente na razão científica das neurociências. Isso porque existe um projeto ético que foi construído, estando subjacente na revolução psicofarmacológica e na narcotraficância, que se baseia na crença de que finalmente a dor humana pode deixar de existir.

Agora no final do século, escutamos freqüentemente as discussões a respeito de se a neuroquímica e as neurociências não vão fazer com que a psicanálise deixe de ser necessária, exatamente porque descobriram drogas mágicas, novas alquimias capazes de funcionar como a pedra filosofal para lidar com as nossas dores. Esta é uma ideologia importante que cresceu nos Estados Unidos desde os anos 60, desenvolveu-se muito na França desde os anos 70 e que ocupa um lugar no Brasil desde os anos 80. Existe então essa crença nas drogas, que evidentemente funcionam, segundo uma leitura psicanalítica, como objetos fetiche. A função disso é de objeto fetiche, uma espécie de tamponamento do sujeito para que este não viva o impacto da experiência do desamparo. Evidentemente, a utilização desse objeto fetiche, dessa arrogância de que é possível acabar com o sofrimento, tem uma série de decorrências para o analista na sua prática. Vou me referir rapidamente a alguns, para que possamos nos situar e tocar numa questão que é bastante atual do ponto de vista das demandas de análises e da maneira como os analistas, às vezes, lidam com esse tipo de demanda.

Destaca-se inicialmente a questão da depressão. Um dos campos mais desenvolvidos na psicofarmacologia e na neurociência é o das depressões em todas as suas formas, melancólicas ou não-melancólicas (o último fetiche que faz sucesso no mercado denomina-se Prozac, que é uma maneira cientificista de vender felicidade).

O novo campo das depressões provoca, às vezes, uma certa desarrumação na cabeça dos analistas. Isso porque os analisandos demandam sempre dos analistas formas mágicas de lidar com a sua angústia ou com a sua depressão. Penso, contudo, que eles sempre fizeram isso e vão continuar fazendo, pois faz parte do papel deles pedirem isso ao analista. Porém, faz parte também da função do analista saber se confrontar com o mal-estar de que ele não tem uma droga dessas à sua disposição para oferecer para os seus analisandos. O que começa a ocorrer (imagino que ocorra também em São Paulo, como está certamente acontecendo no Rio de Janeiro) é que os analistas começam a fazer uma divisão de trabalho terapêutico com os psiquiatras, quando eles mesmos não passam a adotar diretamente a posição de medicadores, para lidar com esse tipo de demanda e com esse tipo de queixa. Isso revela a ameaça que nos ronda na atualidade de se perder a identidade do campo psicanalítico, definida esta em torno da idéia do mal-estar da

civilização e do desamparo. Com isso, o analista desfigura o seu próprio papel que é exatamente o de lidar com esse mal-estar. A questão dele está em viver esse mal-estar, de conviver com esse mal-estar e saber conduzir uma análise sabendo que o mal-estar é a matéria-prima da análise propriamente dita. O que o analista trata como material do que os analisandos falam constantemente, nas pequenas histórias do cotidiano deles, são reclamações do mal-estar cotidiano da civilização. Eles não falam nada mais do que isso. Reclamam da mulher, reclamam do filho, reclamam dos colegas, reclamam do amor. O que o sujeito faz é reclamar, é queixar-se disso insistentemente.

Percebo aqui um ponto importante no que concerne à desfiguração da função analítica e uma consequência clínica importante para o ato de analisar. Qual é o campo da psicanálise e qual a perspectiva de futuro para a psicanálise? Qual é a possibilidade de sobrevivência da psicanálise nos próximos 10, 20 ou 30 anos que não seja sobre a forma de uma mentalidade cientificista?

Se formos colocar o outro lado dessa história, saindo agora do campo da ciência para o campo da religião, percebemos que cresce bastante nas últimas décadas também, sobretudo na década de 80, o que eu tenho denominado de reevangelização do mundo. Vive-se intensamente o processo de o mundo ser novamente evangelizado, não obstante toda a presença da racionalidade e da tecnologia científicas que dominam o nosso cotidiano. Eu falava antes de uma parcial descrença nossa a respeito da ciência. Porém, existe também o crescimento de novas formas de religiosidades, que é o que eu estou chamando de novas formas de evangelização do mundo, que aparecem sobre a forma de manuais de auto-ajuda. Estes têm um alcance e uma expansão não só no Brasil, mas também um alcance internacional. Nos Estados Unidos e na Europa, a produção de literatura de auto-ajuda é imensa. Para ficarmos apenas nas sociedades urbanas ocidentais há ainda, além das formas de religiosidades de auto-ajuda, a reativação das religiões tradicionais e, sobretudo, o crescimento impressionantes dos fundamentalismos religiosos. Como atualmente a dimensão fundamentalista assola de tal maneira o mundo, colocando-se, pois, como um problema crucial que eu interpreto não como um sintoma, mas como alguma coisa que é decorrente de uma descrença no projeto iluminista da ciência. Assim, o crescimento atual da religiosidade – as novas formas de evangelização do mundo – revela que esse projeto iluminista é um problema

pertinente não apenas a meia dúzia de pessoas interessadas nas questões da modernidade e da pós-modernidade. Ao contrário, é um problema que está disperso no campo do social, onde as pessoas, através da busca aflita e angustiada de proteção, buscam a crença em uma verdade transcendente que as proteja do desamparo e do mal-estar na civilização. Por isso mesmo, abraçam as formas de religiosidades como tentativas de não se confrontar com os impasses que o mal-estar da civilização coloca.

Assim, seja pelas vias da psicofarmacologia, seja pela da narcotraficância, seja pela da reevangelização do mundo, nós descobrimos a presença de determinadas formas bastante abrangentes. São formas que visam a uma certa homogeneização da subjetividade. O preço colocado pela ética do evitamento da dor (pelas vias da transcendência religiosa, psicofarmacológica ou científica) é efetivamente o apagamento das diferenciações subjetivas, já que a única maneira pela qual o sujeito pode descobrir a produção de sua própria diferença é exatamente a de se situar diante dessa diferença básica, que é a oposição entre as suas intensidades pulsionais e os sistemas de representação. Digamos que a aposta em uma forma singular de subjetividade só poderia existir, de certa maneira, se o sujeito puder afrontar a polaridade entre as intensidades pulsionais e a representação. Esse é o lugar de sustentação da psicanálise; digamos que o lugar simbólico da psicanálise na modernidade foi o de garantidor desse lugar, implicando poder suportar esse lugar, isso não quer dizer que a ocupação dessa posição seja um sonho heróico da psicanálise.

Evidentemente que esse lugar fica cada vez mais difícil de ser ocupado seja pelas ofertas religiosas e científicas, seja porque os psicanalistas se evangelizam também. Evidentemente os psicanalistas são também desamparados e se evangelizam de diferentes maneiras, até mesmo pela psicanálise. A psicanálise pode funcionar perfeitamente como um sistema de crenças, como uma nova forma de religião e se transformar então em uma nova forma de culto. Os analistas também recorrem a isso diante da “barra pesada” de ter que suportar a oposição irreduzível entre pulsão e representação, podendo também usar as drogas como formas de não suportar a angústia que lhes provoca o desamparo.

A consequência imediata que podemos tirar disso tudo é que há todo um projeto a ser realizado. Este não é um projeto pequeno,

mas é um projeto de dimensões importantes que deve ser construído diante de nossas formas institucionalizadas de vida reguladas pela ciência ou pela religião, em que se destaca nestas uma proposta de anulamento da dor e mediante a qual se propõe um projeto arrogante de domínio do desamparo humano. É perante isso que se defronta a psicanálise hoje. O futuro da psicanálise está delimitado pela possibilidade dos analistas de suportar o lugar que ela ocupou no projeto da modernidade. Não o projeto de oferecer a cura para o desamparo ou a salvação para o desamparo, bem entendido. Em uma carta ao pastor Pfister depois de publicar "O Futuro de uma ilusão", Freud deixa isso tudo muito claro. Ele diz para Pfister: "Eu não sei se você entendeu a ligação que existe no meu livro entre a análise leiga (que é a discussão dele sobre análise e medicina) e O Futuro de uma ilusão. No primeiro, eu tentei livrar a psicanálise dos médicos; no segundo eu tentei livrar a psicanálise dos padres". Assim, o projeto psicanalítico não está ancorado na salvação para o desamparo, nem tampouco na sua cura. Nós não dispomos absolutamente de meios para oferecer cura para o desamparo. O projeto psicanalítico estaria exatamente nessa linha de fogo entre a intensidade das pulsões e insuficiência do sistema de representações. Como uma espécie de garantidor desse lugar, para poder tornar possível ao sujeito a criação de novas formas de satisfação para as suas intensidades pulsionais e para promover simbolizações. Esse lugar já foi definido como sendo um lugar impossível, no sentido de que ele não vai acabar necessariamente com esse confronto, não vai abolir esse lugar conflitivo.

É nesse contexto que eu entendo a segunda teoria, da sublimação enunciada por Freud. Isso porque, na segunda teoria da sublimação, que, como sabemos, Freud enunciou nas suas "Novas Conferências sobre a Psicanálise", em 1932 portanto, o que está em jogo na sublimação não é mais a questão de mudança de alvo da pulsão. Isso seria ainda válido num primeiro modelo teórico, que eu denominei aqui de iluminista. No modelo pós-iluminista de Freud, o problema seria de como possibilitar que a pulsão invente novos objetos. Não é a questão da mudança de alvo, é a questão da invenção de novos objetos. Então, é esse lugar complicado, no limite do impossível que a psicanálise representa na modernidade, que é o lugar de sustentação de oposição entre pulsão e representação. Esse lugar é o garantidor da possibilidade de uma subjetividade se singularizar, de ela não ser

homogeneizada nem na pasta amorfa do sistema de psicofármacos e tampouco se homogeneizar nos códigos oferecidos pelos sistemas de salvação religiosa. É o lugar da sustentação dessa diferença, um lugar impossível onde o combate ou a justa – para retomar o conceito medieval de que eu falava no seminário clínico – o confronto que um analista faz nessa justa é exatamente a de tornar possível a invenção de novos objetos, isto é, um trabalho de invenção ficcional, uma invenção que vai possibilitar um trabalho de criação para que essa subjetividade seja, pois, da ordem do possível. De qualquer maneira, o lugar real do analista é o de sustentador desse mal-estar na civilização, garantidor dessa oposição entre pulsão e civilização, porque o valor fundamental que está em jogo é o da manutenção da subjetividade diferencial. Parece que esse é o problema que nós temos hoje nas nossas mãos, para tornar possível a existência da psicanálise no futuro. Evidentemente, se a psicanálise não puder sustentar esse lugar, ela vai deixar de existir; embora, certamente, as igrejas psicanalíticas vão continuar existindo. Até mesmo porque nós somos desamparados por vocação, nós somos seduzidos por todos os sonhos científicos ou religiosos que nos proponham a possibilidade de nos proteger do desamparo originário. Então, parece-me que essa é a questão crucial que se coloca para a psicanálise nos próximos anos. Muito obrigado.

P - Em nossas reuniões preparatórias à sua vinda, fizemos um trabalho de voltar a ler os textos que você nos tinha sugerido e que hoje de novo mencionou. Mas você traz hoje um descentramento do tema de muitas das nossas discussões no grupo, na medida em que coloca a questão entre individualidade e cultura. Nós ficamos muito presos entre biologia e cultura; você se poderia falar um pouco disso?

J - Vocês ficaram presos na oposição entre uma consideração do pulsional como sendo da ordem do biológico? Seria essa uma das vertentes que marcou, de certa maneira, o pensamento psicanalítico sobre o pulsional: considerar que as pulsões seriam alguma coisa da ordem biológica e que a grande oposição seria entre a ordem da vida, digamos assim, e a ordem da cultura. De certa maneira, a concepção de Lacan foi no sentido de tentar abolir a ordem do pulsional, em torno da ênfase na ordem que atribuiu, por

exemplo, ao significante – sobretudo o Lacan do período do simbólico, o Lacan da “Função e Campo da Fala e da Linguagem em Psicanálise”. A ênfase toda foi colocada na questão do simbólico. Porém, parece-me que a direção que eu tentei dar nessa leitura dos textos freudianos é que a questão do pulsional não é redutível ao campo do biológico. O campo do biológico pode ser até a fonte do pulsional, mas o pulsional, como Freud diz muito claramente no texto metapsicológico sobre as pulsões, é um conceito-limite. O pulsional é um conceito-limite entre o psíquico e o somático. O somático representaria a ordem da vida; e o que Freud está chamando de psíquico é o que eu chamei, durante a apresentação toda, de mundo das representações, do mundo simbólico ou mundo significante, se vocês quiserem usar uma linguagem lacaniana. Então, a grande novidade de Freud foi ter criado, a partir daí, uma terceira via para pensar nessas relações, pela qual constituiu a matéria-prima da psicanálise, vale dizer, a matéria pulsional seria alguma coisa que irredutível ao biológico, mas também ao simbólico. É alguma coisa que seria uma exigência de trabalho feita ao mundo do simbólico, que, podemos dizer assim, ao mundo dos intérpretes, no sentido de apenas assim poder ser constituída a possibilidade da sua simbolização. Se o mundo do pulsional fosse reduzido ao mundo do biológico, não haveria problemas, por exemplo, de pensarmos que a versão psico-farmacológica não pudesse ser uma boa solução. Porque todo o sonho da psicofarmacologia é que ela vai conseguir dominar esse mundo do pulsional através de determinadas drogas. Agora, é bom que se diga, o texto do Freud – e eu vou tentar esclarecer isso também – dá margem para isso, pela ambigüidade de certas passagens. Freud diz em certos momentos que, possivelmente no futuro, vai se conhecer melhor o funcionamento neuroquímico do corpo. Vocês devem ter lido isso, todos vocês conhecem isso. Perguntava-se Freud, a partir desse conhecimento neuroquímico, qual destino teria a psicanálise. Então Freud dá margem para termos uma interpretação biologizante – tanto que existiram essas versões biologizantes na psicanálise, sem a menor dúvida. Agora, o passo metodológico que eu propus a vocês e que eu sei que é uma coisa difícil de se pensar, até mesmo por causa da nossa transferência para Freud, é o seguinte: Freud inventou determinados conceitos que têm determinadas conseqüências que o homem Freud não acompanhou; efeitos dos conceitos que ele inventou. É mais ou menos essa proposta metodologia que eu queria apresentar para vocês. Isto é, de que há

determinadas consequências na teorização da psicanálise, a partir de 1920, com o conceito de pulsão de morte, com a idéia de desamparo e de uma assimetria entre pulsão e representação que o próprio Freud, preso aos seus sistemas científicos de referência e à sua conjuntura histórica, não tirou as próprias consequências. Talvez não pudesse tirar mesmo. Penso que existe um sistema de pensamento que ele nos transmitiu e que cabe a nós tirar as consequências do que esse campo conceitual oferece. Penso que isso se passa com a obra de qualquer inventor, que em determinado campo de conhecimento tem a própria linguagem marcada pelo seu horizonte histórico e faz com que a posteridade seja obrigada a decifrar essa obra e tirar as consequências conceituais que o próprio autor, como Freud, não tirou. O que eu quero dizer com isso é que não devemos ficar preso à letra do texto do Freud, que é uma outra doença que os psicanalistas sofrem também, com um certo temor de tirar consequências que aquele sistema conceitual oferece, que podem contrariar aqui e ali certas passagens do texto freudiano. Desde que tenhamos um trabalho prévio de hierarquizar por onde passa a nossa leitura da psicanálise, definindo seus conceitos fundamentais e os secundários.

P - Como é que você pensa o corpo e o lugar do corpo nesse desamparo, nesse hiato entre a pulsão e a representação?

J - Isso coloca outra vertente do que eu chamei de certos desvios do pensamento psicanalítico no nosso século. Há uma outra vertente de lidar com o mal-estar da civilização que apareceu também recentemente. De certa maneira se assiste a partir dos anos 60 e 70 ao desenvolvimento das ditas terapias de corpo, que apareceram na tradição norte-americana e que foram incorporadas aqui no Brasil como aquilo que poderia tratar de coisas que a psicanálise não trataria. E é nessa medida que isso me interessa. Eu não tenho absolutamente nada contra terapia de corpo. O problema para mim é quando não só os terapeutas de corpo propõem que através do corpo eles vão tratar aquilo que a psicanálise não trata, que é o corpo, ou quando os psicanalistas — isso aconteceu muito no Rio de Janeiro, eu não sei qual é o clima de São Paulo — mandam analisando fazerem terapias corporais, como se os limites da psicanálise fosse o campo do psíquico. Então, é só nessa medida que isso me interessa. É como

se os psicanalistas tivessem posto entre parênteses o que se colocou como problema para a reflexão freudiana a partir de 1920, que foi essa história toda do desamparo que eu falava e dessa assimetria entre pulsão e representação, sem reduzir a pulsão ao registro biológico. Todo o modelo desses analistas implica achar que a psicanálise era um tratamento do psíquico, entendendo o tratamento do psíquico como um tratamento dos sistemas de representação. Por isso mesmo, a psicanálise sempre foi pensada como sendo uma espécie de arte da interpretação. Qual o instrumento do analista? É a interpretação. E com isso os analistas esqueceram de toda essa novidade, de toda essa viragem que o pensamento e a matriz psicanalítica tem a partir de 1920, que é exatamente a irreducibilidade das intensidades aos sistemas de representação. Ora, essa reflexão nos leva, exatamente porque os sistemas pulsionais não são absorvidos pelos sistemas de representação, de que a psicanálise não fala apenas daquilo que a gente convencionou chamar de corpo simbólico, de um corpo ordenado pelo sistema de representações. Parece-me que a dimensão da pulsão não-absorvida pelo sistema de representações revela o nível do funcionamento do corpo e não do organismo, no sentido de uma diferença que não se reduz ao biológico, evidenciando a existência pois do corpo pulsional. A existência do corpo pulsional é irreduzível seja ao corpo biológico (da ordem da vida, do organismo), seja ao sistema de representações, simbolizadas sob a forma de um corpo simbólico. Esse é um ponto importante porque nós vamos lidar fundamentalmente com aquilo que é problemático na experiência psicanalítica: com esse corpo pulsional e não com o corpo simbólico. Lidar com o corpo simbólico é muito fácil porque lidamos com ele através de um sistema de interpretações de um paciente submetido a um sistema transferencial muito bem ordenado. Agora, lidar com o corpo pulsional, que é um funcionamento de corpo de outra ordem, que é irreduzível ao corpo simbólico, vai colocar decorrências de outra ordem, mas que mostra ao mesmo tempo uma certa autonomia dessa ordem conceitual. Parece-me que os problemas que Lacan colocou no final da sua obra, sobretudo a insistência dele com o real como oposto ao sistema simbólico, como alguma coisa irreduzível à ordem do significante, aludia aquilo que eu estou chamando aqui de corpo pulsional.

Quando o analista pensa a psicanálise apenas como um sistema representacional ordenado e se vê diante do tipo de produção psíquica ou psicossomática que os analisandos trazem no nível do corpo

pulsional, ele se vê impossibilitado de manejar ou de se confrontar com esse nível de experiência psíquica. Não é à-toa que se fazem esses tipos de acoplagens com a psicofarmacologia, exatamente por que o instrumental psicanalítico é visto como insuficiente. Eu vejo isso como um arraigamento dos analistas a um primeiro modelo freudiano, como eu vejo também o sistema teórico kleiniano construído tendo como base um modelo solipsista freudiano. O sistema projetivo kleiniano é todo pensado em torno de um psíquico solipsista que distorce o outro, que distorce objetos, em que a ancoragem desse impasse com o outro não é superado na teorização kleiniana. Nesse ponto, eu acho importante, para voltar novamente à questão do Kant, pelo seguinte: por que Kant escreveu três críticas: “Crítica da Razão Pura”, “Crítica da Razão Prática” e a “Crítica do Juízo”, em que está situada a estética kantiana. De certa maneira, os analistas, durante muito tempo, ligaram o projeto psicanalítico ao modelo cognitivo da “Crítica da Razão Pura”. Porém, podemos tentar pensar no projeto psicanalítico, se a gente quiser ter como referência as demais críticas kantianas, como estando ancorado nos problemas colocados pela “Crítica da Razão Prática” e pela “Crítica do Juízo”; seja pelos problemas de ordem ética e estética que o analista está confrontado no manuseio da subjetividade. Nós não estamos implicados num sistema científico de verdade; nós estamos implicados, ao contrário, em problemas em que a verdade se coloca numa dimensão ética e numa dimensão estética, exatamente porque temos, por um lado, um sistema de representação e, por outro lado, um sistema de estesia pulsional, que é claramente um problema da ordem estética.

P - Como você está pensando a questão da formação do analista a partir desse lugar do mal-estar?

J - Essa questão é importante, serve para fechar esta discussão toda e é uma questão que me parece fundamental porque, evidentemente, esse lugar do suporte do mal-estar que o analista tem de realizar deve ser transmitido. Ele é um lugar que tem de ser transmitido pelos agentes ou pelas agências de transmissão da psicanálise, que são os grupos organizados de psicanalistas. É óbvio que pelo próprio fato de que o analista lida com o mal-estar, de que ele é o suporte dessa questão do mal-estar, que ele lida com

determinado tipo de matéria-prima no campo social, que ninguém mais lida a não ser ele, é que ele tem de ter um lugar social em que a experiência dele com esse mal-estar possa ser circulada. A função dos grupos de psicanalistas é dar uma espécie de suporte para que os analistas possam trocar a experiência que têm de lidar com esse lugar impossível, que é o convívio com esse mal-estar. É esse lugar que eu dou aos grupos de psicanálise e que justifica inclusive a própria existência deles, não como burocracias evidentemente, mas como formas de acolhimento e de trocas desse mal-estar. Acho que isso inclusive é a matéria-prima de os analistas produzirem conhecimento. Mas, de maneira muito interessante e paradoxal, vê-se que as instituições psicanalíticas também não conseguem conviver com o mal-estar. Conseguem conviver muito mal com o mal-estar. O que é que acontece nas instituições de psicanálise, sejam as instituições ligadas a Associação Internacional de Psicanálise ou ao movimento lacaniano, para falar das duas grandes tradições (eu não estou dizendo que não existem outras, mas estas são paradigmáticas no campo psicanalítico brasileiro e internacional), é uma impossibilidade, às vezes, de os analistas conviverem com o mal-estar e isso começa exatamente com uma coisa básica que marca a experiência dos analistas, que é a sua experiência iniciática como analisando. A impossibilidade e a dificuldade de destituir o analista do seu lugar de analista. Isto ocorre não só porque os analisandos querem ser protegidos pelos analistas, embora haja também a sedução que nós temos em função de quem quer nos oferecer uma proteção para o nosso desamparo. O analisando quer ser protegido, é claro, mas o preço disso, às vezes, pode ser nada mais, nada menos do que a vida dele. Roman Rolan falou um dia: “De repente, perdi a minha vida”. O analisando não sabe, ele acha que está ganhando, mas perdeu. Há o pedido de proteção contra o desamparo, mas, por outro lado, existe a implicação do analista formador nessa função também, de um analista que não quer ser destituído desse lugar. O que vemos em muitas instituições de formação psicanalítica são grupos de analisandos em torno de uma figura transferencial básica. As instituições de psicanálise são grupos de famílias que se digladiam entre si em função de um lugar transferencial de origem. Os analisandos, em função da proteção, fazem uma espécie de adesão à figura do analista e este não é destituído do lugar de analista, não acontecendo aquilo que a gente convencionou chamar de “o pai não

foi morto e enterrado”. O analisando mantém o pai vivo, ele não faz um processo de castração da figura do analista, e cria um pacto perverso com o analista que não quer ser castrado. Dessa forma, existe dentro das instituições de formação psicanalítica um equívoco ético básico, que é a confusão entre lealdade transferencial e submissão transferencial, que são coisas muito diferentes. Podemos matar o analista, matar quem ocupou aquele lugar e certamente vai ser muito mais útil à lealdade daquela tradição simbólica do que a submissão transferencial. Mas acredito que a saída pela submissão transferencial se torna mais complicada dentro da história da psicanálise, porque os analistas não querem perder, os analistas formadores não querem também serem castrados. Acho que se coloca aqui também um problema ético muito fundamental que tem decorrências nas políticas de formação psicanalítica, penso que isso, por si só, mereceria um seminário inteiro para discutir.

P - Considerando a assimetria entre a pulsão e o sistema de representação, qual a proposta terapêutica da psicanálise?

J - A psicanálise não é uma terapêutica, *stricto sensu*. A psicanálise é um processo para permitir aos indivíduos que não só possam conviver com a oposição entre pulsão e representação, como possam também encontrar um destino para isso. É isso que eu quis dizer quando falei da segunda teoria da sublimação de Freud. O sujeito vai ter de inventar objetos de criação no sentido de dar um destino para as suas intensidades pulsionais, que são irreduzíveis aos sistemas de representação. De certa forma nós podemos dizer, para nos valer da oposição entre civilização e cultura – fica como um problema que eu vou lançar – que se existe um mal-estar na civilização, o destino das pulsões está na possibilidade de o sujeito criar cultura, o que é uma coisa bem diferente de civilização. Seria isso a sublimação em psicanálise.



A CONCEPÇÃO DO ORIGINÁRIO EM PSICANÁLISE, CONSEQUÊNCIAS NA CLÍNICA DE CRIANÇAS E ADULTOS*

Silvia Bleichmar**

* Palestra proferida no Instituto Sedes Sapientiae (maio/93)

** Psicanalista argentina, doutora em psicanálise pela Universidade de Paris VII, membro do Colégio de Estudos Avançados em Psicanálise de Buenos Aires.

Consideramos al psicoanálisis como ciencia en crisis, en el sentido de una ciencia que no logra formalizar sus paradigmas en el cual las distintas corrientes se enfrentan en pugnas en algunos casos teóricas, en otras de poder, y en el cual uno se pregunta hasta donde los psicoanalistas pueden confrontar teoría. La idea es que, ni el dogmatismo rigidizante y empobrecedor, ni el eclecticismo que pretende una sumatoria indiscriminada de las teorías, pueden permitir una resolución de esta crisis.

No se está diciendo lo mismo, ni se está hablando de lo mismo cuando se emplean términos iguales en contextos teóricos diferentes. Porque la teoría no refleja la cosa sin mediación, sino que la teoría tiene una relación con la cosa, con el objeto, que intenta entramarlo en una red conceptual en la cual la articulación interna va posibilitando una modalidad de aproximación. Con lo cual, los distintos autores no siempre se refieren a los mismos fenómenos. Y al mismo tiempo, los mismos fenómenos, al ser conceptualizados, en contextos teóricos diferentes, ya no son los mismos fenómenos.

Yo quiero trabajar con Uds. la cuestión de lo originario y sus consecuencias en la clínica, de crianças y de adultos.

La cuestión de lo originario aparece como una cuestión límite. En general trabajamos con el aparato psíquico constituido, creemos los psicoanalistas. Trabajamos con lo que ya ha quedado como residual de lo originario. Cuál es el sentido de volver a discutir lo originario?

Sin embargo, yo voy a entrar en una formulación, una doble formulación freudiana para que Uds. se den cuenta, de entrada, de cómo se juegan conceptos que parecen tan alejados de nuestra práctica, en la práctica misma.

Supongamos que pretendamos definir qué es analizar. Y entonces uno dice: analizar es hacer consciente lo inconsciente. Una definición que todos conocemos. Pero hay otra definición que todos conocemos y que circula: analizar es llenar las lagunas mnémicas.

Entonces, analizar es hacer consciente lo inconsciente o analizar, es llenar las lagunas mnémicas? La cuestión histórica, la cuestión de la historia traumática del sujeto no ocupa un lugar muy importante en ciertas perspectivas clínicas del psicoanálisis. Se puede transitar un análisis kleiniano, haciendo consciente lo inconsciente sin que esto implique necesariamente llenar las lagunas mnémicas. Se puede transitar un análisis freudiano tratando de que hacer consciente lo inconsciente, o sea, llenar las lagunas mnémicas. Es decir, analizar es hacer consciente lo inconsciente y llenar las lagunas mnémicas cuando yo creo que lo inconsciente tiene que ver con la historicidad del sujeto. Cuando yo pienso que lo inconsciente es efecto de una historia y de un sistema de inscripciones.

Pero yo puedo pensar que el inconsciente existe desde siempre, que el inconsciente es filogenético, y esto también es Freud, con lo cual me pregunto si desde ese punto de vista teórico analizar sería llenar las lagunas mnémicas.

De manera que la cuestión de lo originario, que parece tan alejada de nuestra práctica concreta, llena de contenidos nuestros posicionamientos, teóricos y clínicos.

Uds. saben que la pugna entre escuelas se ha también manifestado como una pugna del freudismo con el pós-freudismo. O como una pugna de los pós-freudianos entre sí y en algunos casos de los pós-freudianos con Freud mismo.

Desde la teoría con la que yo estoy trabajando Freud, teoría muy ligada a ciertas propuestas de Laplanche, podríamos

plantearnos que el problema está en el interior de la obra freudiana. Y está en el interior de la obra freudiana porque es una obra en contradicción permanente.

Hubo una época, bajo un modelo de lectura positivista de Freud en la cual se pensaba que toda la obra eran verdades, concibiendo los conceptos como reflejos directos de las cosas. Entonces, por ejemplo, el inconsciente y el ello eran lo mismo. Ahora lo llamamos ello. Lo llamamos ello porque ahora existe el superyo que en la 1ª tópica no estaba. No, no es lo mismo. El inconsciente y el ello no son lo mismo.

Es necesario trabajar Freud en sus contradicciones, desde una perspectiva en la cual la contradicción no es un error del científico, como pensaba el positivismo, sino que la contradicción es inherente al proceso de conocimiento del objeto, en la medida que también el objeto está atravesado por contradicciones. Es lo que hace que uno se pregunte como Freud va cercando un objeto y en la medida en que lo cerca se aproxima y el objeto se va substrayendo, porque éste es el gran problema del inconsciente. Es un objeto que al aproximarnos, se sustrae. Con lo cual, los distintos posicionamientos de Freud por cercar al objeto, van dejando por el camino algunas colocaciones y retomando otras. La obra se va definiendo en su interior por problemáticas, por líneas que la atraviesan y uno podría recuperar algunas e replantearse sobre la fecundidad de otras. Lo que no se puede hacer es lo que se ha hecho en muchos casos: hacerle decir a Freud lo que no dijo o en otros casos, abandonar partes importantes de la teoría, sobre la base de que no coinciden con el pensamiento que quieren desarrollar, o citar a Freud como recurso de autoridad.

Les voy a dar un ejemplo del absurdo de ciertas citaciones. En “Las pulsiones y sus destinos”, Freud dice que la fuente de la pulsión está en lo somático y que la meta es la satisfacción. Mientras que dos páginas después dice que la fuente de la pulsión está en la zona erógena y la meta de la pulsión se resuelve con el objeto erótico. Qué quiere decir ésto? El objeto auto-erótico no resuelve ninguna acción específica. El objeto auto-erótico no resuelve ninguna necesidad en el sentido biológico del término. La boca, como zona erógena, no es la fuente somática. La fuente somática, en todo caso, tendría que ser pensada en el organismo. Entonces, un autor dice: “Freud dice que la pulsión se resuelve mediante una acción

específica con un objeto que la satisface” – 1915. Y después dice: “Siguiendo a Freud, podemos decir, que la pulsión se resuelve en un plano auto-erótico alucinatório” Freud, 1915. Es notable ésto, porque lo que se ha perdido de vista es que en esas dos páginas Freud ha intentado ir cercando el desprendimiento de lo sexual com relación al cuerpo, cuerpo somático en este caso, que se arrastra como un problema en la obra. Entonces ambas connotaciones obligan a que se las contraponga y a que de trate de encontrar dentro de la obra misma la coherencia interna. Porque uno termina optando en el interior de la obra de Freud. Termina optando en razón de trabajarlo y de pensar problemas que tiene que enfrentar.

Por ejemplo, el problema de lo originario. Alguien me dice: “Ud. piensa que la huella mnémica es lo mismo que el representante -representativo de la pulsión?” Es muy interesante ver los modelos que trabajó Freud. La huella mnémica practicamente desaparece en la “Metapsicología” como conceptualización. Uds. leerán la “Metapsicología” y no van a encontrar el concepto de huella mnémica. Entonces uno puede decir: “La huella mnémica de 1900, del capítulo 7, es el representante- representativo pulsional de 1915”.

El problema es el siguiente: hasta 1900 Freud se mantiene con una posición donde el psiquismo está fundado exógenamente. Tomen Uds. el “Proyecto”, el concepto de vivencia de satisfacción del capítulo 7. Es un modelo de huellas, del psiquismo atravesado por la teoría del traumatismo . Mientras que en 1915, después de “Tres Ensayos”, Freud empieza a trabajar con una teoría pulsional endógena, donde la pulsión es una delegación de lo somático en lo psíquico. Para que yo pueda decir que la huella mnémica equivale al representante-representativo pulsional, tengo que hacer un salto fenomenal. Y lo hago, pero no equivale en Freud. Y digo lo siguiente: la pulsión es un delegado de lo somático en lo psíquico, o la pulsión es el efecto de la inscripción sexualizante del otro humano, del semejante? Si la pulsión es el efecto de la inscripción sexualizante del otro humano, entonces el representante-representativo es una huella mnémica inscrita a partir de la sexualidad de la que el niño se constituye.

Esta es la hipótesis de base. Acá yo me ubico, además, en una história en el interior del psicoanálisis. Uds. saben (al menos los que han podido leer algunas cosas mías), durante muchos años yo trabajé toda la cuestión de la represión originaria como concepto fundante del inconsciente. El inconsciente se constituye a partir de que hay

repressão originaria. En ésto sigo una hipótesis freudiana de la “Metapsicología” que no necesariamente se contrapone con el concepto de inconsciente endógeno ya que uno puede decir: la represión originaria se constituye fundando la diferencia tópica, y en el inconsciente está la pulsión.

Mas, uno podría plantearse que en muchos autores pós-freudianos e incluso pós-kleinianos, la función del semejante ocupa un lugar muy importante: en Winnicott, por ejemplo. Sabemos el lugar que ocupa la madre en la teoría winnicottiana. Lo que no se había discutido hasta Lacan era que el inconsciente podría ser de origen exógeno. Esta propuesta matricial en Lacan, que es: el inconsciente no es algo con lo que nacemos. El inconsciente es efecto de algo que se produce en la cultura, y fundamentalmente en la cultura que implica las relaciones edípicas, en las que el niño entra. Por primera vez se plantea con todas las letras en la historia del psicoanálisis. Ahí hay un salto fenomenal en el psicoanálisis, donde se abren para muchos de nosotros, en un momento de nuestra formación, la cuestión de lo exógeno de la fundación del inconsciente. El problema es que en cierto momento, el arrastre del estructuralismo formalista del cual, en mi opinión, Lacan es un exponente importante, me lleva a preguntarme lo siguiente: - se constituye la estructura del Edipo – y esa es mi pregunta – El Inconciente del niño es idéntico al de la estructura de partida? Qué mutaciones hay entre el Inconciente que se constituye en el niño y las figuras edípicas o las funciones que lo constituyen?

La segunda pregunta que yo me formulo es la siguiente: cómo se transmite los mensajes que van del Inconciente materno al Inconciente del niño? Porque yo arrastro una posición materialista donde me planteo que es imposible la transmisión del mensaje sin un soporte material. Y el soporte fonemático o el soporte lingüajero, o el soporte signifiante me son insuficientes. Con lo cual empiezo a replantearme, siguiendo a Freud, de que manera yo resuelvo estos pasajes metabólicos del inconsciente materno a la estructuración del niño.

Uno podría, entonces plantearse dos grandes ejes para definir la cuestión del psicoanálisis, serían los siguientes: tenemos en Freud mismo, siguiendo la obra, supónganse, en 1900, capítulo 7, o en 1895 el “Proyecto”, Freud se maneja en ellos con un modelo de huellas, de inscripciones. Pero el “yo” en esta teoría, no es un residuo identificatorio. El yo no aparece ahí definido desde el exterior.

En 1914 con la "Introducción del Narcicismo", y abriéndose hacia 1923 con "El Yo y el Ello", ahí se plantea por primera vez que las instancias segundas son residuales, no se producen por diferenciación, percepción consciencia, sino que se producen como residuos identificatorios. Lo interesante es que Freud va haciendo permanentemente un juego entre lo endógeno y lo exógeno de la fundación del aparato. Por qué hace esto? Porque la genialidad que se plantea para mí en la obra es descubrir como algo proveniente del exterior ha cortado de tal manera los nexos con el exterior, que ha empezado a funcionar desde adentro. Acá aparece la genialidad de Klein. Cuando Klein plantea analizar es analizar al sujeto. Cuando Klein dice un niño que tiene síntomas es un niño que puede entrar en transferencia.

Pero creo que el gran problema del sujeto psíquico es que se constituye a partir de elementos que proveniente del exterior han cortado sus lazos de referencia con el exterior, entran a funcionar autónomamente y se plantean como interiores. Éste es el gran secreto del psicoanálisis. El gran secreto del psicoanálisis es que la problemática del sujeto se define intrapsíquicamente. No se define intersubjetivamente. Es decir, si uno piensa que el inconsciente puede ser residual, puede ser efecto de inscripciones. Pero esas inscripciones tienen varias particularidades. Entonces, la segunda pregunta que me planteo es: sobre qué se funda el inconsciente? El tema es una pregunta para el estructuralismo. Los que se han aproximado lo suficiente a la obra de Lacan saben que la metáfora paterna (o la posición de la represión originaria, desde un otro ángulo más freudiano) practicamente crea el aparato, genera el sujeto. Mientras que lo que yo me vengo planteando es que hay algo que se ha ido inscribiendo, anterior a la represión originaria y que eso que se fue inscribiendo es condición de cómo va a operar después la represión originaria. Este es el segundo tiempo en el que estoy trabajando y un poco todo nuestro trabajo en común de estos días va a circular alrededor de este problema.

Lyotard, que es un filósofo francés apasionante, dice en un libro que se llama "El Diferendo", que un diferendo consiste en lo siguiente: cuando yo discuto con otro, si pretendo que mis argumentos sean pertinentes en relación a un cierto orden, y le pido a él que sus argumentos remitan a mi orden de pertinencia, lo liquido, y le produzco un daño.

Por ejemplo, en el caso de una paciente mía que encuentra entre los papeles de su marido dos notas de comidas en restaurantes que son claramente de noches en que dijo que se quedaba trabajando y son comidas para dos. Con lo cual lo increpa al marido y le dice: “Te encontré estas notas que muestran que salís con otra mujer”. El marido le contesta que ella es una controladora, que siempre le está revisando las cosas. Con lo cual, la discusión pasa a otro plano, estamos ante un diferendo. No estamos frente a un litigio. Lo que ella le cuestiona es la infidelidad, mientras que lo que él le cuestiona es la intrusión controladora. A partir de ésto, no hay discusión posible, porque cada enunciado pertenece a un orden distinto de pertinencia. Esto puede pasar en teoría. Por ejemplo, hace poco me tocó ser jurado de un concurso donde el tema era: “La dirección de la cura en Melanie Klein, en Lacan y en Anna Freud”. Cómo voy a plantear “la dirección de la cura” en Melanie Klein, si ella se rige por otro orden de pertinencia en los enunciados? Estoy subordinando Klein a Lacan. Ya le estoy impidiendo de desplegar su pensamiento. Bueno, de esta manera se juegan muchas discusiones psicoanalíticas.

Y lo que yo pretendo con Uds. es ordenar estas discusiones en el interior de los paradigmas, en el sentido de en qué se sostienen ciertos ordenamientos conceptuales de las distintas escuelas con referencia a la obra de Freud, para abrir posibilidades de confrontación teórica y para abrir posibilidades de productividad clínica.

Recién les planteaba entonces, la cuestión de la fundación del inconsciente, represión originaria por un lado, y sobre que se instala la represión originaria.

Esta pregunta que me hice hace muchos años sobre cómo la madre transmite algún tipo de mensaje, que es un mensaje muy particular. Encontró su respuesta de varios ángulos. Cuando yo era muy lacaniana, y lo fui, y digo lo fui con orgullo, como fui otras cosas, porque representó lo más avanzado de mi generación, en el sentido de que Lacan vino a romper un cierto establishment psicoanalítico, a poner en tela de juicio ciertas modalidades adaptativas del psicoanálisis. Después procesando uno puede plantear sus diferencias. Lo mismo que reconozco una deuda inmensa con Klein y en mi libro planteo algo en un apartado que se llama “Lo que nos enseñó Miss Klein”, donde digo que a partir

de M. Klein, un analista nunca más olvidará cada vez que un niño meta un dedo en un agujero del consultorio que ese agujero no es un error del albañil sino un agujero en el cuerpo de la madre o en su propio cuerpo. La deuda que tenemos con Klein en su militancia por la sexualidad, y no por el cuerpo somático como han tenido algunos, sino por el encarnamiento de la sexualidad en relación a lo erógeno de la corporeidad del niño y de la madre, es algo que ha marcado toda mi formación.

Yo era lacaniana y discutía con mis amigos lacanianos. Entonces yo les decía que entendía que a partir de la mirada de la madre se constituyera el narcisismo del niño. Lo que no entendía es como lo transmitía. Me respondían que mi pregunta era imposible, no era una pregunta estructuralista. Uds. saben que en el psicoanálisis, como en la vida, el enigma es traumático, si se convierte en compulsivo, se hace difícil la vida. Traumático quiere decir que queda ahí para que uno lo resuelva en otro momento de la vida.

Un día, desde otra vía, encontré una respuesta. La cuestión fue la siguiente: cuando yo empecé a trabajar algunas ideas de Laplanche, volví en la misma época a leer el "Proyecto" y la "Carta 52". No sé si saben que ahora es "Carta 112" porque a partir de los 50 años de la muerte de Freud se ha perdido la posesión de los archivos, y todo que fue censurado va a aparecer. Entonces, miren lo que se han comido que la carta 52 es 112, la mitad de la obra ha quedado por el camino!

Pero ya está en edición, en poco tiempo tenemos toda la correspondencia. Estamos aterrados porque todos sabemos lo tranquilizante que es el despotismo ilustrado. Y ahora se va a enfrentar la verdad.

En la carta 52, Freud plantea una hipótesis central: que la memoria no se inscribe de una vez y para siempre sino bajo distintos sistemas, en transcripciones.

Entonces, plantea este modelo. Signos de percepción, inconsciencia (porque todavía no tiene la conceptualización del inconsciente y preconsciente), consciencia. Llama algo la atención, que es algo que está antes de la inconsciencia.

En el capítulo 7 de "La interpretación de los sueños" hay otra cuestión igualmente enigmática: Freud presenta el famoso esquema y coloca los sistemas: el inconsciente, el preconsciente-consciente. También aquí aparece algo que está antes, que no pertenece a lo inconsciente, ni a lo preconsciente-consciente. Yo empezaba a encontrarme en la clínica

con una serie de fenómenos que no podía conceptualizar en la teoría del inconsciente. Qué quiere decir? Que ciertas representaciones no alcanzaban el estatuto de lo fantasmático, secundariamente reprimido, eran incapaces de ser simbolizadas bajo modos lingüajeros o incapaces de ser recuperadas a través de la libre asociación. Un ejemplo muy claro, es el de las adopciones. Supongamos que yo tengo una sesión con un niño adoptivo en el cual hay una cantidad de fantasmas que circulan, elementos que analizamos, y de repente la sesión se corta bruscamente. Y aparece algo que es absolutamente incomprensible. Donde el niño queda fascinado por un color, por una luz, o se va a un rincón o como pasa en un caso que yo supervisé, se detiene, pone la mano en el almohadón o en la pierna del analista: algo irrumpió. Eso que irrumpió no obedece al conjunto de esta sesión. Tampoco es traducido en palabras, es como si algo hubiera quedado capturado o el sujeto hubiera quedado capturado por un elemento que tiene que ver con la fascinación, pero que no es transcribible en sistemas de transcripciones. Qué quiere decir éso? Por supuesto que no era consciente ésto. Ni inconsciente en el sentido metapsicológico estricto, porque apareció bajo un modo que los kleinianos podrían llamar disociado. Lo que lo caracteriza es su imposibilidad de ser colocado en palabras porque en realidad nunca fue palabra. Porque nunca fue efecto de la represión secundaria. Porque nunca se articuló bajo formas discursivas.

Esta cuestión de las primeras inscripciones capturó durante bastante tiempo toda mi preocupación, planteándome lo siguiente: en los primeros tiempos de la vida se inscriben signos de percepción, inscripciones que podrán o no ser retranscriptas, que no alcanzarán el estatuto lingüajero, que constituyen el fondo del inconsciente, pero que no necesariamente se articularán en el inconsciente. Con lo cual, todo analista tocará en un elemento insimbolizable, que no podrá interpretar sino cercar y articular de algún modo. Problema de las psicosomáticas, por ejemplo.

Yo soy dualista. Esto quiere decir que el cuerpo tiene un estatuto, que el inconsciente no abarca, que forma parte de la realidad somática y que tenemos que ver de que manera se articula. Pero no soy spinoziana, no creo que Dios está en todo y no creo que el inconsciente está en todo.

Cómo, entonces, me replanteo la relectura del "Proyecto". Trabajando sobre esta cuestión de los signos de percepción se abría

la posibilidad de reconceptualizar el problema en los siguientes términos: la represión originaria funda el inconsciente porque fija las inscripciones al inconsciente que quedan diferenciadas de las inscripciones preconscious. Pero no crea las inscripciones. La estructura dándoles un estatuto fijado al inconsciente. Y acá viene la cuestión. Fijado al inconsciente o fijado al sujeto? Son dos cuestiones totalmente distintas. Por qué son importantes? Porque nos permiten ver la diferencia entre el síntoma y el trastorno y abrir problemas psicopatológicos.

La cuestión tópica hace al posicionamiento metapsicológico de la representación. Una parte de esto yo lo publiqué en una revista de Porto Alegre que se llama "Projeto" y lo he re trabajado para mi libro. Tuve ocasión de entrevistar a un hombre de 40 e tantos años que me fue enviado como una neurosis obsesiva. Este hombre era aparentemente muy obsesivo, dedicado a la alta matemática. Pero el motivo de consulta era el siguiente: venía a verme porque en dos o tres ocasiones, después de haber hecho el amor con mujeres distintas, (no con la misma, no estaba atravesado por el odio a una mujer), había sentido la compulsión de ahorcarla y se había detenido en el momento en que sus manos rodeaban el cuello.

Lo primero que yo me planteo es lo siguiente: si este hombre fuese un neurótico obsesivo en el sentido clínico y estuviera atravesado por un síntoma, en realidad el deseo de muerte de la mujer tendría que estar reprimido y en su lugar aparecer o la impotencia o la hostilidad de otro orden, pero no había ni desplazamiento de ésta, ni substituciones. Por supuesto que había elementos reprimidos, pero el estatuto metapsicológico del trastorno o de la formación sintomática en el sentido amplio planteaba que yo no estaba frente a un síntoma. Porque el síntoma, para Freud, es una formación de compromiso, efecto de la inhibición de ciertas representaciones y deseos inconscientes, substituto de una inlograda satisfacción pulsional. Este hombre me consultaba porque lo que no podía controlar era el pasaje a la motricidad de un deseo de muerte. Si éste podía pasar a la motricidad, no era un síntoma obsesivo. Con lo cual, el problema que se abre acá es éste: hay representaciones que no quedaron fijadas en el inconsciente y que en mi opinión, vagan por el aparato psíquico como las almas de los niños no bautizados vagan por el limbo. Es decir, no logran un posicionamiento tópico. A partir de que una representación no logra un posicionamiento tópico, el problema del

analista es lograr un entretejido que sobre la base de levantar otros elementos que podrían subyacer a éste, consiga que ésta sea sepultada en el inconsciente. Ésto es lo que Freud dice en el capítulo 7 cuando plantea que el objetivo del analista puede ser el olvido, al referirse a las ideas compulsivas. Que el problema del analista es recordar lo que debe ser recordado para que aquéllo que deba ser olvidado pueda pasar al inconsciente.

La importancia del posicionamiento metapsicológico, entonces, en la definición del síntoma para mí es crucial para definir el comienzo del proceso analítico.

Qué quiere decir ésto? Desde el punto de vista tópico, en el hombre que les acabo de contar, la representación pasaba a la motricidad, no estaba en el inconsciente. Desde el punto de vista económico entonces circulaba el proceso primario, no el proceso secundario. Desde el punto de vista del conflicto, éste está, entre el inconsciente y el yo, o está en algo que el sujeto no podía evitar de sí mismo en conflicto con las instancias segundas? Con lo cual yo no tenía un conflicto intra-subjetivo, inter-sistémico, tenía un sujeto apabullado en su imposibilidad de contener algo que lo trascendía, de lo que no podía hacerse cargo. Y hay una diferencia muy grande entre ésto y un síntoma.

Consideremos también, para pensar estas cuestiones, los síntomas de la primera infancia. Una enuresis primaria en un niño de 11 años. Yo estoy en absoluta discusión con el concepto de polimorfismo perverso, que se puede extender hasta los 20 años: hay que redefinir la categoría de la infancia y hay que redefinirla metapsicológicamente. Quiere decir, la infancia son los tiempos de constitución del aparato psíquico, tiempos de fundación de la tópica, secundarios a la inscripción de lo pulsional, correlativos a determinaciones edípicas, tiempos entonces que no se definen en un solo momento y que no son lo mismo que la niñez.

Defino entonces, una enuresis primaria en un niño de 11 años. Ahora vamos a ver estructuralmente lo que significa ésto. Es un síntoma? No. Si la pulsión sigue tal cual, si la pulsión uretral no ha sido reprimida, por qué voy a llamar síntoma a éso?

Es lo que dice Freud de Hans en "Inhibición, síntoma y angustia". Qué es lo que hace que Hans sea un neurótico? Que ama a la madre y quiere matar al padre? No. Freud dice que eso no lo hace neurótico, amar a la madre y querer matar al padre. Lo que

a Hans lo hace neurótico es que substituyó el odio al padre por el miedo y lo desplazó al caballo. Eso es un síntoma, dice él. Por eso tiene un sentido el síntoma.

Una enuresis primaria, si la pulsión no ha logrado un estatuto de fijación de los representantes, de fijación de substituciones en el inconsciente, está indicando que yo no estoy frente a un síntoma neurótico. Qué quiere decir que no estoy frente a un síntoma neurótico? Quiere decir que estoy frente a un perverso? Tampoco. Por lo siguiente: yo hace tiempo que discuto la idea de homogeneidades estructurales.

Cuando está presente el proceso secundario, donde la represión originaria opera, donde se han producido constelaciones edípicas, sostienen una dominancia neurótica. Pero si ese enigma arrastra una enuresis primaria algo está fracturado en la represión, algo no ha terminado de soldar y si no se ha terminado de soldar mi pregunta es de qué manera ésto va aparecer de otro modo. Les cuento un breve caso. Hace unos años, me consultaron la madre y el padre de un niño de 14 años que tenía una enuresis primaria. Tenía 9 años de análisis y seguía enurético, como en el chiste. En realidad el año anterior se había interrumpido su análisis y los padres me contaron que no era la enuresis el motivo de consulta. Dos meses antes del llamado que me hicieron este niño se había levantado una noche, entre el sueño y la vigilia como si estuviera alucinado, diciendo que el cuerpo se le daba vuelta. Estaba aterrorizado.

Sentía que el cuerpo se le daba vuelta de dentro para afuera. Se le invaginaba el cuerpo. Cuando los padres me cuentan ésto, la madre muy preocupada me pregunta si yo creo que está psicótico. A lo cual le digo que no, que quiero explorar que es lo que tiene este muchacho y por qué le pasó ésto. Me cuentan dos o tres elementos muy interesantes. Por ejemplo, este niño a los 6 años, 5 años, entraba al salón de clase de su hermano mayor, le daba la mano a la maestra y le pedía permiso para hablar con su hermano. Era lo que se llama un pseudo-self, lo habían encontrado muchas veces en la esquina del colegio dirigiendo el tránsito, proceso megalómano. Lo que pasa es que la megalomanía del niño de 8 años pasa como travesura, no le dan tanta importancia. A partir del trabajo de diagnóstico yo me doy cuenta que es un niño donde lo que se ha producido es lo siguiente: una parte de la tópica estaba constituida, pero otra parte de la tópica por donde aparecía la enuresis no estaba terminada de constituir.

Por ésto se había producido un encapsulamiento para evitar las desligaciones a las que quedaba expuesto. Me estoy refiriendo a términos freudianos: ligación, proceso secundario de ligación. Esta es la sensación de invaginación que él sentía alucinatoriamente. El problema era por qué esta enuresis primaria persistía, y de qué estaba dando cuenta. Estaba dando cuenta del proceso de desligación efecto de una falla de maternaje. Éste es un tema extenso. Cual es el sentido de los ejemplos a los que me referí? La tradición ha sido la siguiente: yo defino el método analítico y sobre el método analítico defino el objeto. Por ejemplo, analizar, libre asociación, ésto es lo que hace Klein en realidad y desde una postura absolutamente admirable en su época, en una lucha denodada por la analizabilidad infantil frente a la pedagogía. No sólo la pedagogía, una pedagogía que viene de Hugh Hellmuth y que es residual de la pedagogía negra alemana. Yo no sé si Uds. han leído el libro de Agnes Miller que se llama "Por tu propio bien". Es impactante leer los casos de Hugh Hellmuth y ver lo que les dice a los niños, las cosas que Agnes Miller cuenta de la pedagogía negra alemana. Anna Freud se inscribe de algun modo en esa línea.

Es impresionante esta lucha del psicoanálisis de Melanie Klein. Esta lucha por rescatar la cuestión pulsional. Pero qué hace entonces? Define el método y dice - analizar implica libre asociación, implica transferencia, implica ésto, lo otro, y los niños pueden todo ésto. Los niños es una categoría muy amplia. Entonces, se ajusta el objeto al método, yo les planteo la inversa. Definamos el objeto que tenemos delante para en razón de éso, ubicar los problemas del método analítico. Ésto es lo que Searles el filósofo, no el psicoanalista, llama "dirección de ajuste". Yo relevo un campo problemático de la realidad y defino mi método en relación al campo, no defino el campo en relación al método. Problema de lo originario: lo originario no está desde el comienzo de la vida, lo originario es fundado, lo originario implica el inconsciente. Entonces es fundado en varios tiempos, de los cuales la represión termina de posicionarlo tópicamente.

Segunda cuestión de lo originario: estos tiempos de fundación me definen el objeto que tengo delante, y a partir del objeto que tengo delante, ubico las premisas del método. Qué quiere decir las premisas del método? Que hay paradigmas freudianos irrenunciables. Por ejemplo, análisis sin transferencia. Por supuesto que hay transferencia, y Melanie Klein tiene razón, el problema es si es

transferencia, si son transferencias, de qué manera se articulan la transferencia y el narcisismo, de qué manera se articula la cuestión de la transferencia en relación a los posicionamientos del analista. Qué quiere decir ésto? Cuando el niño entra en amor de transferencia... porque hay amor de transferencia. Hace un tiempo, un paciente mío de 6 años entró al consultorio y me dijo – “Se murió mi papá, me creés o no me creés?”, “No”, le digo. Él me dice, entonces: “Dale que vos me hacías mimitos, cariños”.

No es un paciente neurótico que me dice : “Vamos a hacer de cuenta que ud. me acaricia con sus palabras”. Ahí yo le digo al nene: “Ahora entiendo por qué me dijiste que se había muerto tu papá, porque te gustaría estar juntito y calentito con mamá y que papá se muera para que no se meta en el medio”. El me responde, de inmediato: “Mi papá no: tu marido.”

Entonces, qué hace uno como analista? Le discute que es el papá? Qué pasa en ese momento? Es amor, es amor transferencial. La analista es como la primera maestra. Ya implica una cierta circulación exogámica. Hay un elemento de repetición y hay un elemento de circulación ahí. Entonces, qué le contesto? Le digo lo de Freud a Hans: “Algun día vas a tener una novia con la que puedas abrazarte y dormir calentito y sentirte muy feliz”. Y me contesta: “Ah, pero yo no quiero que para darle las semillitas me tenga que romper todas las bolas” – Es interesante. Porque a partir de ésto aparece otro tema, que es su temor fantasmático al ejercicio de la genitalidad algún día. Aparece una teoría sexual infantil ahí. Entonces, en este niño hay transferencia, y no hay identidad. Con lo cual algo circuló ahí, como dice Klein, las imagos parentales ya fueron sepultadas, algo se transfiere ahí. El problema es que lo que se transfiere ya implica un largo procesamiento.

Entonces, planteo dos o tres cosas más para que podamos dialogar. Si yo tuviera que definir como localizo un cuadro. Diría lo siguiente: en el análisis de niños, yo no comparto la idea de una homotesia . Este es un término matemático, en el cual a cada punto del triángulo originario edípico le correspondiera un punto en la estructura de llegada infantil. Entre el inconsciente de la madre y el inconsciente del niño hay un proceso metabólico de descualificación y recomposición. Más aún, el inconsciente siendo de origen exógeno, siendo que es definido desde el exterior, tiene la peculiaridad que se inscribe como autónomo, rompe sus lazos con el exterior, con el referente. Más aún, como la madre constituye este pasaje al

inconsciente del niño, desde su propio inconsciente, no hay para mí posibilidad de buscar un sentido perdido. Se produjo un doble juego de descomposiciones. La madre no puede dar cuenta mediante su discurso de lo que inscribe porque escapa a ella misma. Al mismo tiempo, aquéllo que se inscribe, en la medida en que es descualificado, opera autonomamente en el inconsciente. Con lo cual la relación es de referencia pero no de homotesia.

Que busco en el niño y en el adulto, cuando tengo la primera entrevista. Por qué digo la primera? Porque saber en la primera entrevista que yo no cuido de un paciente psicótico y hacer otras cuatro entrevistas, y a la quinta decirle que yo no lo tomo porque yo no trabajo con psicóticos. No puedo hacer éso. Además de que és incorrecto éticamente, es gravemente perturbante y yo he visto casos serios de tentativas de suicidio, inclusive a partir de situaciones como ésa. De manera que yo en una primera entrevista tengo que tener una mínima idea de si lo que tengo adelante es analizable en términos clásicos, una neurosis, aún con sus aspectos desligados, no importa; o tengo centralmente un paciente con riesgo de psicosis. El paciente que yo les hablé hace un rato, el adulto, aparentemente obsesivo, era un paciente que cuando empezase un análisis iba a hacer una psicosis clínica, porque al empezar a descomponer ciertos sistemas representacionales y a desarticularlos, empezaban a producirse pasajes graves. Con lo cual yo no lo podía tomar a dos sesiones semanales, o lo tomaba cuatro sesiones con vistas a cinco o no lo tomaba. Yo no puedo, si tengo un cáncer, tratarlo con una aspirina, no es ético, no corresponde, tengo que trabajar con precisión, no puedo no darme cuenta de que este hombre puede descompensarse.

Entonces, primera entrevista, qué busco? Busco lo siguiente: esta es la tópica, busco el entremado de base, si está configurada la represión, si tengo un síntoma, o no lo tengo, busco desde dónde se está produciendo el conflicto psíquico. Uno se ubica frente al funcionamiento tópico. Y si es un adulto, uno puede empezar a trabajar. A partir de ésto. Si no es un neurótico, uno tiene que definir como va a trabajar. Laplanche llama relación entre el prescriptivo y el descriptivo. El descriptivo es el objeto. El prescriptivo, qué indico? Indico diván, no indico diván, y si no indico diván, en algun momento podré tener diván? Y será correcto que yo lo haga? Si se recompone la tópica, supongamos, tengo

que pasar a trabajar con diván? Como lo hago? Y por qué sentado o no un paciente, de qué depende eso?

En la infancia lo busco del siguiente modo: primero busco por supuesto el nivel de constitución de la tópica y luego busco la determinación histórica de todo esto. Qué quiere decir determinación histórica? Quiere decir lo siguiente: Supongamos que tenemos padre, madre e hijo. Puede haber conflictos acá que no atañen al niño. Yo me niego absolutamente a relegar la pareja parental en términos sexuales, por padres. Esto quiere decir, no cito a padres divorciados, salvo que ellos lo pidan. Para mí la categoría se define como sexuada y no como engendramiento. Si ellos quieren venir juntos es problema de ellos, el psicoanalista no tiene que unir lo que Dios separa ... Primera ley del psicoanálisis, salvo la tópica. Segunda ley del psicoanálisis, el psicoanalista está para sacar al niño de la cama de los padres, no para meterlo.

Entonces, qué busco? Piensen que acá hay una serie de órdenes de determinación, que han marcado la articulación psíquica. Lo que yo busco es el conflicto intra-subjetivo e intersistémico. Si el conflicto es intersistémico, aunque sea residual, yo puedo empezar a analizar. Entonces, en el momento en que se creó la tópica, esto revierte sobre esto. Acá viene Klein, porque ya hay proyección sobre las figuras reales de los padres, de las imagos fantasmáticas inconscientes. Qué dice Klein? Si yo tengo proyección de las imagos parentales sobre las figuras reales de los padres, ya tengo análisis. Lo que yo planteo es lo siguiente: esto no es dado desde el comienzo de la vida, no está dado desde el inicio de la vida. Hay tiempos de la constitución de este originario. Los tiempos se van marcando y yo tengo que encontrar que nivel de constitución, tengo para que en el momento que decido analizar, analice, y cuando la tópica no está constituida, vea como intervengo.

Esta concepción plantea entonces que el análisis no es solamente encontrar lo que está, sino a veces constituir lo que no está. Esta es la idea de que uno parte del mínimo de simbolización existente, para lograr el máximo de simbolización posible. Ese es el eje de la teoría analítica. Y a partir de esto, entonces, el análisis es un lugar de neogénesis, es decir, no es un lugar solamente donde uno recurre a una génesis que fue, sino donde articula una neogénesis sobre la base del material previo. Bueno, con esto termino.

Pergunta: Está aberta a possibilidade que o inconsciente varie de uma para outra cultura?

Silvia: Si el inconsciente está abierto existe la posibilidad de que el inconsciente varie de una a otra cultura ... es la pregunta. Yo plantearía dos problemas. Una, el inconsciente no es homogéneo, quiere decir que en él coexisten representaciones, articulaciones fantasmáticas, elementos secundariamente reprimidos, no es homogéneo. Yo podría decir que los aspectos inconscientes del superyo, no hay la menor duda de que varían culturalmente, de que los ideales narcisísticos varían absolutamente culturalmente. Que en ciertas culturas algo puede ser ideal del yo y en otras culturas el yo ideal. Hace varios años, en una exposición que yo tuve que hacer en París yo llevaba el caso de un chico altamente politizado, con una falla en la estructuración del superyo. Y Laplanche me dijo: "Silvia, cómo dice Ud. que este chico le falla algo en la estructuración del superyo si este chico es un chico altamente politizado, y eso tiene que ver con los ideales?" Y yo le dije: "No, Laplanche, éste es un chico latinoamericano y este chico, entonces, tiene la política en el yo ideal y no en el ideal del yo". Es claro?

Ahora, las representaciones de base del inconsciente, las representaciones pulsantes no plantean grandes mutaciones. Yo he trabajado en México, he trabajado en culturas indígenas, hay elementos para pensar en todo esto. La idea del inconsciente abierto sería lo siguiente: es un inconsciente que se produce exógenamente y es un inconsciente que una vez que se constituye tiene cerrados los caminos de salida, pero no los de ingreso. Si los caminos de ingreso al inconsciente siguen abiertos, uno puede plantearse que hay algo que cuando se transforma no liquida las representaciones de base, pero las puede articular de un modo distinto. Con lo cual se abre ahí la posibilidad mediante el análisis, de la transformación o mediante experiencias traumáticas graves. Es la otra cuestión, como ciertas experiencias traumáticas muy severas, recomponen los sistemas y recomponen las relaciones tópicas. Recomponen quiere decir fracturan, transforman y buscan modos de reequilibramiento.

En el libro que terminé yo coloqué el caso de una paciente adulta que pasó por experiencias muy traumáticas durante la 2ª Guerra, y planteo justamente la cuestión de lo traumático y lo originario en relación a esto, a como el traumatismo se va planteando de tal manera que las representaciones que se produjeron bajo traumatismo tan

intenso, quedaron libradas al azar dentro del aparato y son recapturadas transferencialmente y entonces ahí se produce una recomposición psíquica. Pero yo no me atreví a decir que los elementos de base del inconsciente varían en gran medida. De base quiero decir que mientras todos los niños sean amamentados por la boca, por un objeto erogenezante, la pulsión oral se va a inscribir en lo inconsciente. Ahora, que en unos se inscriban ciertas huellas y en otros otras, es otra cuestión. Por ejemplo, los "tocsiles", que es una cultura indígena del sur de México, tiene pautas apasionantes. La madre amamanta al niño hasta los dos años, tres años y para destetarlo se le ofrece el pecho seco de la abuela. Y el problema de la presencia o ausencia del pecho es muy interesante, porque el niño va colgado en el regazo, y el pecho está siempre desnudo, con lo cual el pecho está siempre a disposición del niño. Y uno se pregunta de que manera se articula esto con ciertas características culturales. Bueno, son temas a investigar en algún momento.

Pregunta: Como opera o narcismo materno?

Silvia: Esto se liga de dos maneras con dos temas. Uno con la cuestión que recién decía del traumatismo y otra con el problema del maternaje en el sentido siguiente: yo he tenido una enorme preocupación en relación a esta cuestión del narcisismo, por reubicar el problema de qué es la madre suficientemente buena. Porque uno de los grandes problemas del análisis es la exigencia en los padres de que sean lo que no son. O lo que no pueden ser. Sin encontrar explicaciones causales que den cuenta de porqué son como son. Por ejemplo, todas las teorías lo han hecho, no Klein porque para Klein el problema era del niño, pero en todas las escuelas que han trabajado a partir de la función del semejante, siempre hay algo que es muy impresionante, que es el retorno del consciencialismo y del voluntarismo. Por ejemplo, el lacanismo ha luchado por desfalzar a las madres, que dejen de ser madres fálicas, con una terrible confusión entre ley y autoridad en la clínica. Una terrible confusión, confundiendo a veces la función paterna con el padre real, en situaciones en que la disputa es una disputa por lo que hace muchos años Pichon Riviere en la Argentina llamaba "hijo trofeo". Cuando el padre está en posición materna disputándole a la madre la posesión del hijo, no para hacer el corte, sino para apropiarse del cuerpo del hijo. Yo he visto errores terribles en ese sentido. Entonces, pero sin llegar a esos extremos, hay una enorme confusión a veces entre ley y

autoridad. A tal punto que el otro día un colega lacaniano, explicando la cuestión de la castración dijo: "Aunque la madre de Hans le diga que ella no tiene una cosita para hacer pipí, él no le cree porque la madre de Hans tiene siempre la última palabra". Entonces yo pensé: Los hijos de Margareth Thatcher deben ser todos homosexuales ... qué tontería está diciendo. Porque el problema es que la madre acepte sexualmente al padre, desee al padre, no esas tonterías que uno escucha a veces. La ley del padre lo es sobre el deseo de la madre y no sobre la ideología de la madre.

Entonces, desde el lacanismo con la cosa de madre fálica, y curiosamente desde una teoría de tal nivel de benevolencia, como es el winnicottismo, esta cosa si es una madre buena o si no es una madre mala. Laplanche hace toda una broma, no con Winnicott, sino planteando para la inscripción de la pulsión que así como Winnicott plantea que la madre es suficientemente buena, él dice: "Yo quiero hablar de la madre suficientemente mala". Y quién es para Laplanche la madre suficientemente mala? La madre capaz de punzar, meter bajo la seducción la sexualidad y generar a partir de éso lo pulsional. Es una madre que traumatiza, implanta significantes enigmáticos, implanta inscripciones .

Esto por un lado. Entonces, yo me preguntaba lo siguiente: yo tenía dos teorías en mi cabeza. Si Uds. han leído mi libro se van a encontrar con contradicciones. Por ejemplo, yo digo en un capítulo de mi libro que el autismo es un déficit de narcisización materna. Y en otro capítulo de mi libro digo que la madre sexualiza al niño. Y después planteo que el narcisismo es un tiempo segundo y no un tiempo primero de la vida, entonces, qué lío armé. Por qué yo digo en ese libro que el narcisismo, el autismo es un déficit de narcisización materna? Porque estoy trabajando todavía con los tres tiempos del Edipo de Lacan y considerando el narcisismo como tiempo primero. Pero estoy en ruptura al mismo tiempo, recuperando el autoerotismo como tiempo primero de la sexualidad. Entonces por qué el autismo iba a ser una déficit de narcisización?, hoy diría que el autismo es un déficit de sexualización materna. Y que la narcisización es un segundo tiempo de la vida sexual, que viene a ligar lo que la madre ha constituido desligando lo otro. Si la madre, tomando por ejemplo la posición de Lacan, respecto del narcisismo, tiene constituida la castración, instalada la castración, y el hijo puede entrar como significante de la falta, para los que hablan "lacanés" saben lo

que estoy hablando, este aparece como totalizado. La madre desde el narcisismo, ve al hijo como total, pero la madre que no tiene constituido el narcisismo, desde el inconsciente, ve un puñado de zonas erógenas. Por ejemplo, después de dar el pecho, sin acariciarlo, sin sostenerlo, porque sólo está la boca y el pezón, es el tema de las depresiones maternas. Entonces, la pregunta es ésta: qué es lo que hace que la represión originaria se instale sobre un yo, y digo un yo y ahora voy a aclarar por qué, capaz de ligar e implicar un retículo inhibitor del inconsciente, y es el hecho de que la madre que tiene el narcisismo funcionando, produce investimentos colaterales que hacen que no quede fijado por una sola vía de descarga la oralidad, supongamos. Entonces, estoy trabajando, este tiempo, una metapsicología para todo esto, rearticulando conceptos y yo diría: la madre suficientemente buena sería una madre que tiene un narcisismo constituido, que permite que el hijo circule respecto a la castración, pero al mismo tiempo una madre que tiene constituido un narcisismo ultrapasante, capaz de circular de ella al hijo como una parte de sí misma desprendida de sí misma. Reconocido como algo amado, que habiendo sido parte de ella ya no lo es, por eso pasa de uno al otro y no queda localizado en sí misma, y el otro no es un pedazo capaz de ser manejado a voluntad. Esto es toda una cuestión. Entonces, si me preguntaras de qué manera opera el narcisismo?, yo diría lo siguiente: Lacan tiene razón cuando trabaja la cuestión del narcisismo como una fractura del sujeto que obstaculiza la emergencia del deseo. Pero al mismo tiempo, el narcisismo implica la constitución de un polo amoroso capaz de ligar y de sostener la vida a partir del amor del semejante. Hay una cita maravillosa en el librito ese de la Sinopse de las Neurosis de Transferencia, el manuscrito que apareció hace poco, de Freud, donde él hace un delirio filogenético, sobre la aparición de la enfermedad en la historia, habla de la época de los glaciares donde la genitalidad era peligrosa porque se engendraban hijos, entonces dice que ahí aparecieron las perversiones, es terrible. Pero lo maravilloso que dice Freud es lo siguiente: las crías fueron condenadas a muerte y fueron las madres narcisísticas las que salvaron estas crías. Y esto es muy impresionante. Entonces hay que reposicionar la cuestión del narcisismo.

Pregunta: Não haveria perversão no paciente que queria enforçar as mulheres?

Silvia: Es una pregunta importante. No pensé en una perversión

por varias razones. Yo trato de pensar la perversión en el sentido más clásico, como negativo de la neurosis, ligado a la resolución pulsional. Qué quiere decir ésto? Por supuesto, no considero la homosexualidad como perversa, de ninguna manera. Considero la homosexualidad como un modo de visión de objeto en sujetos que pueden ser neuróticos, perversos o psicóticos. Ésto es ciertamente discutible. Pero lo puedo fundamentar. No había en este hombre goce en lo que hacía. Lo que define la perversión, para mí es el goce que el sujeto obtiene en la sobre su propio cuerpo o sobre el cuerpo del otro. Justamente, es muy importante la diferencia metapsicológica cuando a veces se dice que alguien es masoquista. Un masoquista desde el punto de vista psicopatológico es alguien que goza en el mismo sistema que sufre. No goza en el inconsciente y sufre en el yo. Uno puede decir por extensión que en una histérica hay masoquismo moral, pero no puede decir que éso es masoquismo en el sentido estricto. Y sobre todo, el lugar que ocupa la erogeneidad en la perversión es central. Entonces por qué consulta un perverso? Consulta porque algo ha fallado en la posibilidad de ejercicio de la perversión.

Por qué hay tan pocas consultas de persiones en el sentido estricto? Hay varios textos muy interesantes sobre ésto. Hay un texto que se llama "El deseo y la perversión", sobre ésto, donde escriben varios autores y yo particularmente sentí mucha identificación con un texto que se llama "La pareja perversa", que es un texto apasionante. Bueno, hay mucho escrito. Lacan dice una cosa impresionante en el Seminario 1, que a mí me parece un seminario particularmente hermoso. Él dice: la pulsión es acéfala, no tiene cabeza, no tiene sujeto. La perversión es el posicionamiento de un sujeto frente a la pulsión. Por éso que hay que discutir si el niño es un perverso polimorfo, y en que momento es un perverso polimorfo. Porque puede haber persiones desde la infancia, el concepto de objeto consolador de Winnicott, por ejemplo, que no es un objeto transicional, muchas modalidades de objetos que son objetos fetiche, y el objeto reliquia, distintos tipos de objeto. Entonces, la cuestión del perverso es que se posiciona ante lo que le ocurre como algo ante lo cual él no puede evitarlo, es más fuerte que yo, pero al mismo tiempo tiene un goce que le permite ejercerlo. Mi paciente sufría por la posibilidad de que de algun lugar de sí mismo él pudiera matar otro ser humano. No era alguien que mató

un montón de mujeres, no era Jack El Destripador, entonces él las mató, las desholló y vino muy contento a decirlo: "Doctora, vengo a consultarme porque maté varias mujeres y hay algo que me obstaculiza el goce, no encuentro mujeres para aniquilar". No, él sufría por la sola posibilidad de ejercerlo, éso no es perversión. Yo defino la cuestión de la perversión por el placer obtenido. Creo que el problema de lo sexual tiene que ser replanteado en estos términos. La cuestión que los lacanianos han llamado "goce", el lugar postergado del placer en el psicoanálisis es el lugar central. E este hombre no gozaba, sufría profundamente con lo que le ocurría y no lo llevaba a término, por eso no lo defino como un perverso. Y lo defino como un sujeto donde había una falla de la tópica. Y lo más impresionante era el tono con que me lo contaba, un tono aparentemente obsesivo que podría haber engañado a un analista descualificando el sentimiento terrible que le producía, aislándolo, pero en realidad, en un sentimiento de profunda impotencia frente a lo que le estaba pasando.

Un hombre que fue atravesado por traumatismos muy graves, con lo cual, la estructura se precipitó en cierta dirección, porque él había sido sometido a una situación muy terrible y hubo un pasaje de pasivo a activo, bajo un modo compulsivo. Este paciente no entró en tratamiento, no entró en tratamiento conmigo porque yo le planteé 4 sesiones. Él no quiso, me planteó un problema económico, y yo le respondí que estaba dispuesta a tratarlo igual, repartiendo los honorarios. Entonces ahí tuvo que decir que no quería. Por qué él no quería? Y acá yo lo respetaba, creo que este paciente percibió muy lucidamente la posibilidad de que se produjese una descompensación y él tenía derecho de saber hasta donde podía ir. Con lo cual yo respeté de algún modo su decisión. Me he enterado de él periódicamente, no mató a nadie ni se psicotizó, lo que me alegra profundamente. Pero, era que iba a matar a alguien si no se analizaba conmigo? No. Afortunadamente ni mató a nadie ni se brotó. Pudo recomponer de algún modo algunas defensas y sigue sufriendo mucho, pero él sabe el costo que puede pagar, no yo. Yo sé lo que no debo hacer, que es no crearle la continencia en caso que se descompense y llevarlo hasta un lugar de no retorno. Él puede decidir no operarse, pero yo no puedo abrir el vientre de alguien sin tener el hilo para cerrar, es claro? Esa es mi responsabilidad ética.

Oscar Miguelez: Você está dando uma dimensão à repressão originária que continua de alguma forma a essência do que foi na obra de Freud, mas ao mesmo tempo você a escreve de um modo original e próprio. Eu fiquei com algumas dificuldades para compreender o alcance dela. Por exemplo, em relação ao Edipo, costumeiramente pensamos a repressão edípica como secundária mas me pergunto se você a continua pensando secundária edípica ou a pensa primária.

Silvia: Bueno, depende de donde uno ubique lo edípico. Ésto quiere decir respecto al Edipo complejo, para mí la represión es secundária.

La considero como represión secundaria por varias razones, em primer lugar porque se reprimen enunciados deseantes, no algo que nunca fue traspuesto a representación palabra. Yo tenía una pacientita en México muy graciosa (con la mamá argentina y el papá mexicano), que en la primera entrevista la madre me cuenta que ella decía que se quería casar con el papá, entonces cuando la madre decía que ella no podía, ella decía que en la Argentina no se podía. A lo cual la madre me decía “haberme enterado antes!”. Pero cuando la niña vino a la consulta había ya reprimido ésto, con lo cual se ofendía espantosamente cuando se lo recordaban. Y decía que ella nunca había dicho eso. Y no era una denegación, era un proceso de represión secundaria. Los niños olvidan las formulaciones edípicas. De manera que yo tiendo a pensar la represión del Edipo complejo como secundaria. Quedan por discutir muchos problemas de todo éso, por ejemplo, el estatuto del inconsciente, del superyó, que aparece como bloque, como bloque quiere decir que es muy particular el mandato superyóico, porque por un lado, tiene estatuto inconsciente, al mismo tiempo tiene estatuto lenguajero, pero es un lenguajero muy particular, porque es un lenguajero articulado como un bloque, no se lo puede hacer circular como la representación palabra, no se abre otro sentido como el lenguaje, no es polisémico. Está planteado en una sola dimensión de sentido. Laplanche dice que los enclaves del inconsciente del superyó se asemejan a los mandatos psicóticos, donde el significado del sujeto opera de un modo taxativo. Ahora, la represión primária, por supuesto que yo le doy una fundamentación distinta porque Freud se limita a plantearla como necesaria porque existe la secundaria. yo ahora tiendo cada vez más

a llamarla originaria y no primaria, porque lo que me importa no es que fue primero sino que da origen a la tópica, con lo cual puede dismantelarse en otros momentos de la vida y reimplantarse. Por ejemplo, un proceso esquizofrénico puede ser un momento de dismantelamiento de la represión originaria, y la restitución puede ser una reimplantación. De manera que tiendo a considerarla como originaria y no como primaria. Pero la represión primaria Freud la plantea como anterior a la secundaria, y la razón que da para que haya represión primaria es porque algo tiene que atraer del inconsciente y algo tiene que expulsar del pré-consciente. Con lo cual, para Freud es una hipótesis teórica *ad hoc*, no es una hipótesis fecunda de trabajo. Si bien, dice en "Inhibición Síntoma y Angustia", que la mayoría de las represiones con las que trabajamos en el proceso analítico son represiones secundarias. Sabemos poco de las represiones anteriores, pero sí que los más intensos estallidos de angustia son anteriores a la constitución del superyó. Ansiedades precoces de Melanie Klein, estallidos brutales de angustia, que se confunden permanentemente los analistas como fobias y no son fobias, son terrores, ansiedades paranoides, tienen otro carácter. Como podría ser que la fobia fuera a otro ser humano? Si un adulto tiene una fobia a otro ser humano es un paranoico y no un fóbico, entonces por qué un niño que teme a otros niños se piensa que es un fóbico y no un paranoico? Cómo el pobre niño es basureado todo el tiempo y se lo considera como una cosa extraña, no atravesado por la psicopatología. Entonces, yo tomo la represión originaria de otra manera.

Qué quiere decir que la tomo de otra manera? Que la planteo como definitiva en la estructuración del aparato pero también subordinada al tiempo de la represión secundaria, reacomodada a partir del Edipo. Pero me parece que es central la represión originaria para poder pensar ciertas cuestiones. Por ejemplo, vuelvo a trastorno y síntoma. Los famosos trastornos del desarrollo, o trastornos madurativos, que a uno le producen a esta altura una enorme angustia cuando se diagnostican así porque yo veo permanentemente niños de 12, 13 e 14 años con psicosis francas que fueron diagnosticados como trastornos del desarrollo, que los mandaron a psicomotricidad, después los mandaron a psicopedagogía, después a fonoaudiología y después con cierta edad hacen formas con delirios polimorfos. Acabo de ver un caso terriblemente dramático, del hermano de un ex paciente mío, de infancia, está en un proceso esquizofrénico abierto, franco y

que fue diagnosticado como un niño con dificultad de lenguaje, con dificultad de aprendizaje, con dificultad de la motricidad. Si la represión funda la diferencia entre los sistemas psíquicos y el proceso secundario implica la lógica, la temporalidad, la negación, se coloca del lado del yo, entonces, cuando eso no está cooperando yo me tengo que plantear si yo tengo constituida la tópica. Entonces, lo que está ahí apareciendo, no es un déficit de aprendizaje, es un déficit de la estructuración del sujeto psíquico. Los niños constituyen el espacio a partir de la representación, como decía Freud, de la superficie corporal. Qué es el espacio sino aquéllo que me separa de mi madre y que me anuncia su presencia? Un paciente mío, de 4 años, me cuenta lo siguiente: “ayer en la colonia, se perdieron todos los chicos”. Y yo le digo: “cómo fue?”. “Sí, yo de repente no vi a ninguno, entonces yo empecé a gritar: chicos, chicos, y un señor me dijo: ‘no grites, nene’. Y yo le dije: ‘es que se perdieron todos’.” Tenía todo invertido. Él se pierde, y dice que se perdieron todos los chicos. El niño que se pierde, no se pierde, se le pierde la madre. Él no se perdió, el espacio se constituye invertido. Pero para que haya espacio tiene que haber una gestalt que se desprenda del mundo. Para que haya arriba y abajo, yo tengo que estar en algún lado. Para que haya adelante y atrás, yo tengo que estar organizado en algún punto. Un niño que no tiene el yo estructurado, que no tiene un sistema de coordenadas sobre sí mismo y el otro, tiene por supuesto, alteraciones tempo-espaciales. Y esto no es un problema cognitivo. Esto son los residuos de un déficit de la estructuración psíquica.

Les quiero terminar contando una historia. Hace algunos años, J. Laplanche me dijo: “Silvia, Ud. piensa que Melanie Klein se reía con los pacientes? y me lo pregunta en serio. Yo le digo: “Sí, seguro que se reía, no sé si se reía, pero sé que disfrutaba enormemente. Eso se nota en lo que escribía”.

TRANSFERÊNCIA EM ESTADOS AUTÍSTICOS

Roberto Antonucci*

* Psicanalista,
membro do
Departamento
Formação em
Psicanálise do
Instituto Sedes
Sapientiae.

I - Introdução

Transferência é um processo inconsciente pelo qual desejos e vivências passadas atualizam-se na relação com o analista. Melanie Klein e Anna Freud apresentam opiniões diferentes sobre o tratamento de crianças. Na opinião de Anna Freud, transferência e neurose de transferência (como descritas por Freud) não devem ocorrer em crianças da mesma forma como ocorrem em adultos, visto que os pais encontram-se ainda bastante ativos na vida da criança. Não obstante, ambas as autoras vêem o fenômeno da transferência como o mais importante agente transformador na análise infantil. Isso porque a relação com o analista é usada para transformar os aspectos patológicos da relação que a criança estabeleceu com seus pais. Entretanto, a criança autista (encapsulada) parece não ter desenvolvido ligações primárias. Esta é a base de sua patologia, que oblitera a percepção da realidade. Estamos nos referindo a estados mentais não-integrados, em que o self ainda não está constituído. Por outro lado, a criança do “tipo” esquizofrênica desenvolve relacionamentos embaraçados, no qual há uma confusão ou mistura do self e não-self, paciente-analista, como descrita por Rosenfeld (1968) na análise de pacientes esquizofrênicos adultos.

II - Origens do Autismo Psicogênico

Segundo Tustin (1990), essas crianças desenvolveram quando bebês formas maciças de evitação, para poder suportar a dor da consciência traumática de separação física da mãe nutriz. Isso inundou suas consciências antes que suas mentes estivessem prontas para suportar tal tensão. E ocorreu antes que a figura da mãe provedora pudesse ter sido internalizada de forma duradoura, e antes que um senso seguro de continuar a “ser” tivesse se estabelecido. Provavelmente em algumas dessas crianças, tais traumas ocorreram antes ou durante o próprio nascimento. Esse pressuposto nos leva a crer que muitas crianças autistas jamais desenvolveram ligações primárias com suas mães.

III - A Importância do Vínculo para a Constituição do Sujeito Psíquico

Os trabalhos de Winnicott (1968) e Bowlby (1976) sobre a influência do ambiente no processo de desenvolvimento psíquico, e mais especificamente no que tange aos cuidados maternos e à saúde mental do bebê, demonstram a importância das ligações primárias. Tustin (1984) diz que as crianças autistas não desenvolveram a ligação primária com a mãe, ou se tal ligação ocorreu foi interrompida muito precocemente. Assim, elas não desenvolveram, ou desenvolveram de forma rudimentar, a sensação de ter “alguma coisa integrada dentro”. Em situações normais de desenvolvimento, esse senso interior possibilita o equilíbrio da vida emocional do bebê. Essa integração emocional será o alicerce no qual se estabelecerão os futuros vínculos, promovendo o desenvolvimento da vida mental da criança. Entretanto, para que isto aconteça, a criança tem que suportar o fato de que a mãe não faz parte de seu corpo, é ela que lhe dá prazer sensorial, mas somente quando e como ela deseja, e ainda mais, ela é totalmente separada e diferenciada de suas sensações corpóreas. O bebê não pode possuí-la como um “objeto sensação” sempre que desejar.

Essa vivência traumática de separação corporal causa o retraimento da consciência e embarga o desenvolvimento em seu âmbito geral.

A psicoterapia com crianças autistas difere substancialmente da forma com que tratamos pacientes neuróticos e psicóticos confusionais, porque é necessário que o analista propicie a estas crianças as primeiras experiências de ligação (Tustin, 1984), que funcionarão como matriz de novos relacionamentos afetivos.

O conceito de transferência tal como Freud (1922) descreveu é baseado na capacidade que o indivíduo tem de estabelecer relações afetivas. Nos pacientes neuróticos, os elementos patológicos do relacionamento estabelecido com as figuras parentais seriam reevocados na relação com o analista, e o objetivo do tratamento seria transformar a repetição em recordação. A criança autista parece repetir com o analista situações arcaicas pré-verbais que são freqüentemente deixadas “inconscientes” e não recordadas. Elas têm que recordar o que não faz parte das lembranças normais.

Dessa maneira, a transferência em crianças autistas ocorre de forma diferente do que normalmente ocorre em outros tipos de patologia. Neste estado primitivo, a criança vivencia momentos de angústia e terror inominável (Bion, 1985).

Não devemos propiciar a essas crianças experiências de ligação tal como elas deveriam ter ocorrido; certamente, em muitos casos, tais experiências foram proporcionadas mas, por uma variedade de fatores que atualmente ainda nos parecem obscuros, estas experiências não puderam ser assimiladas pela criança. Como essas crianças fisicamente não são mais bebês, não seria adequado dar o seio ou mamadeira a elas. Desse modo, será fundamental a forma que o terapeuta terá de encontrar para estabelecer experiências de ligação em estágios mais avançados do desenvolvimento.

No processo psicoterápico, a caixa lúdica pode se transformar numa fonte de prazer. Nessas situações, a criança pode ser auxiliada, de maneira firme e disciplinada, a relacionar-se com o terapeuta, que possui uma mente organizada, e demonstra cooperação e compreensão para com ela. Suas manobras autísticas devem ser desencorajadas ou substituídas por atividades similares, mas com significados humanamente compartilháveis (Antonucci, 1990), mas sempre levando em consideração o momento em que a criança se encontra, para que nossa intervenção não seja sentida pela criança como algo intrusivo e ameaçador. Como assinalou Tustin (1984), temos de ajudar essas crianças a vivenciar conscientemente aquilo que normalmente ocorre sem que tenhamos consciência de que está ocorrendo.

IV - Depressão Psicótica: Uma Falha no Vínculo

Nesse estado de depressão psicótica (Winnicott, 1983), a criança parece ter sofrido uma interrupção maciça do seu desenvolvimento afetivo e cognitivo (Tustin, 1990). Nessa situação, parece que a criança sente que seu corpo é como um objeto inanimado, no qual sua pele é sentida como uma espécie de invólucro frágil que está se dilacerando, e esta capa frágil pode fazer com que seu conteúdo se desmantele como um saco de batatas rasgado; a reação é criar uma segunda pele (Bick, 1987) ou um encapsulamento (Tustin, 1975).

Essa manobra protetora isola a criança autista do senso de perda básica, que está associado à percepção catastrófica de separação do corpo da mãe. É importante salientar que a criança não tinha consciência desta aparente “fusão” com o corpo da mãe, até o momento da percepção da separação. Ela sente que perdeu ou lhe foi arrancada uma parte de seu corpo e experimenta sentimentos precoces de um profundo pesar (Mahler, 1989).

Descrever vivências humanas arcaicas num estágio de desenvolvimento tão primitivo torna nossa tarefa muito mais árdua. Penso que trechos da canção de Chico Buarque de Hollanda e outro de uma popular canção espanhola expressam a agonia e o pesar que essas crianças sentem:

Pedaço de mim

“... Oh, pedaço de mim
Oh, metade amputada de mim
Leva o que há de ti
Que a saudade dói latejada
É assim como uma fígada
No membro que já perdi ...”
Chico Buarque de Hollanda

Canção da despedida

“... Quando um amigo se vai
Deixa um buraco na alma
Que não se pode tapar
Com a chegada de outro amigo ...”

Essa vivência de perda faz a criança sentir que tem um buraco no corpo, onde anteriormente havia uma fonte de sensações

autísticas. Essa depressão tipo “buraco negro” tem de ser experimentada e superada no tratamento, para que se possa estabelecer experiências de ligação. Isso poderá reverter este estado de “compulsão-repetição” em que a criança se encontra. Nesse estágio de rituais repetitivos, ela tem uma noção de espaço bidimensional e tempo circular (Meltzer, 1975), em que todas as situações rotineiras parecem acontecer novamente, não como sendo um dia após o outro, mas como se o mesmo dia passasse a repetir-se eternamente, num tempo presente e infinito, como ocorre no filme “O feitiço do tempo”, de Harold Ramis, em que um repórter fica “preso” num feriado, dia 2 de fevereiro, numa pequena cidade no interior dos Estados Unidos, onde se comemora o dia da marmota. Todo dia, na hora em que acorda, ele percebe que é o mesmo dia, e ele já sabe tudo o que irá acontecer.

Extrapolando essa ficção para o ponto de vista da criança autista, “presa” num estado bidimensional, é como se ela tivesse controle absoluto sobre tudo o que ocorre, dominada pela ilusão de que o mundo exterior faz parte de seu corpo. Quando ela é “libertada” desse ciclo vicioso, começa a experimentar, na terapia, situações equivalentes às primeiras experiências de ligação.

V - Autismo e Transferência

Tustin (1984) diz:

“Este é o mais importante agente mutatório de transformações.”

Na terapia com crianças neuróticas, experiências reais com o seio são evocadas, mas a criança psicótica encapsulada precisa ter essa experiência numa época posterior e com o terapeuta. Quando tais sentimentos são centrados no terapeuta, o relacionamento com a mãe se desenvolve.

“De alguma forma, esta é uma situação comum de transferência ao inverso. O terapeuta estabelece, em curso, relacionamentos infantis elementares através do estabelecimento de um conjunto primário desses relacionamentos, e este é então transferido para a situação familiar...”

Segundo essa autora, as interpretações prematuras de transferência podem obstruir o relacionamento com a mãe. Para Anne Alvarez (1994), a situação contratransferencial pode levar o analista a alguns descaminhos; ele pode, por exemplo, ficar tentado a ver significados onde não há significados. Essa interpretação errônea pode fazer com que a criança sinta-se invadida ou violentada. Isso pode fazê-la intensificar suas manobras autísticas.

A situação transferencial não pode estabelecer-se apenas pelo uso da interpretação. O terapeuta deve ter um papel mais ativo, mas ao fazê-lo deve ser cauteloso, ao permitir que essas medidas assumam o lugar da terapia interpretativa.

O terapeuta terá que assumir o papel da função alfa, transformando, na medida do possível, os elementos-beta do paciente em elementos-alfa (Bion, 1962), tornando os rituais estereotipados da criança em experiências emocionais suportáveis para sua mente.

Assim, no entender de Tustin, quando se trabalha com pacientes em níveis tão primitivos de desenvolvimento, transferência e contratransferência não podem ser claramente delimitadas.

Uma outra complicação é que esses pacientes autistas têm pouco ou nenhum senso de separação corporal e pouca ou nenhuma capacidade para representações simbólicas. As repetições de eventos primitivos, assim como as sessões analíticas, freqüentemente são percebidas no espaço bidimensional e no tempo circular, como já foi descrito; portanto, podem não estar revestidas da qualidade simbólica das situações transferenciais, como ocorre no tratamento de neuróticos e psicóticos confusionais.

VI - Diferença da Transferência Entre Estado Autista Propriamente Dito e Estados Psicóticos

Meltzer (1979) diz que o autismo propriamente dito é resultado de um processo de *“desmantelamento do aparato sensorial em suas partes componentes”*, de tal modo que impede a criança de funcionar de forma simbólica. Por outro lado, Anne Alvarez (1994) diz: *“Eu certamente testemunhei esses ataques ativos ao significado por parte de crianças autistas, mas não acho que esta poderia ser a única explicação para a concretude delas. Tenho a impressão de que sua experiência freqüentemente também é ‘não-mantelada’; algumas vezes, fragmentos jamais foram reunidos”*.

¹. Podemos entender este termo como similar a “não-constituída”.

Penso que estamos diante de um problema extremamente complexo: o que será que ocorre na mente de uma criança autista? Será que é uma fortaleza vazia (Bettelheim, 1987)? Ou ainda uma fortaleza repleta de elementos-beta (“coisas em si”) à espera de uma função alfa para transformá-los em elementos-alfa? Provavelmente, em alguns casos de autismo, não há relação objetal, assim como descrita pelos teóricos das relações objetais, e nem um estado anobjetal como propôs Freud, mas uma terceira possibilidade proposta por Tustin (1984), na qual existe busca objetal, mas não referência de objeto. Nessa época, as relações são predominantemente sensoriais, quando o corpo da mãe é experimentado como um “objeto-sensação”, que constitui parte do corpo da criança e prepara esta para relacionamentos ulteriores com objetos “não-eu”, que serão experimentados como separados de seu corpo e aos quais ele terá de aprender a ajustar-se. No estado fusional, a criança viverá momentos de glória celestial, semelhante ao estado de nirvana, e se a separação corporal for vivenciada de maneira traumática, antes que o aparato neuro-mental esteja preparado para isso, ela viverá o terror das profundezas do inferno. Nesse sentido, o self ainda não estaria constituído. Portanto, não poderíamos falar de narcisismo primário (Laplanche e Pontalis, 1970) e sim de auto-erotismo, voltado a um ego corporal em um estado preponderantemente indiferenciado.

Baseado nessas premissas, o fenômeno da transferência em crianças autistas não-organizadas parece não ocorrer, como argumentou Tustin. Penso que o tratamento de crianças autistas deve ser mais ativo, e algumas vezes diretivo e até mesmo com alguns expedientes pedagógicos, como preconizava Anna Freud (1971), no tratamento de crianças neuróticas.

Nos estados psicóticos confusionais, a capacidade de simbolização do paciente é superior à dos estados autistas. Por isso, as crianças em estados psicóticos confusionais conseguem um certo grau de desenvolvimento psicológico, ainda que inseguro, porque, apesar da inter-relação mãe-filho, ela apresenta uma consciência confusa de separação física da mãe. Portanto, os processos de identificação projetiva (Klein, 1946) estão bastante ativos e estas crianças têm noções de dentro e fora e de que os objetos que ela fantasia inconscientemente (phantasia) estão dentro do corpo da mãe (Tustin, 1990). As crianças autistas estabelecem relações

bizarras, e geralmente falam, embora a linguagem possa parecer confusa ou incompleta e, às vezes, apresente neologismos. Para defender-se da depressão psicótica, usam a confusão e o embaraço com o não-self.

VII - Contratransferência

O sentimento que um paciente autista causa ao analista pode ser extremamente forte e avassalador. Os sentimentos de impotência, incompreensão, solidão, tédio e “vazio” são muito freqüentes.

Segundo Tustin, o analista pode ser levado a abraçar e confortar o paciente, ou pode sentir que deve suportar certos sentimentos que, para a criança, são intoleráveis. Pode sentir que o paciente quer se comunicar provocando certos sentimentos no terapeuta. Ela diz ainda que devemos tomar cuidado, pois as crianças autistas raramente respondem às tentativas de comunicação diretas do analista. Elas sentem freqüentemente que o não-eu faz parte de seus corpos e estão sob seu controle. Assim, não devemos responder prontamente às comunicações contratransferenciais; se agirmos dessa forma, poderemos ser percebidos como sendo parte do corpo delas, contribuindo com a ilusão de que estamos sob seu controle.

VIII - Reflexões Acerca da Interpretação na Análise de Estados Autísticos (Encapsulados)

No processo de análise de crianças autistas em estados assimbólicos ou pré-simbólicos, o conceito de interpretação não parece muito adequado. Esse conceito está imbuído da idéia de que existem situações recalcadas ou reprimidas, como vivências traumáticas ou phantasias sádicas, das quais o indivíduo não tem consciência. Ora, se estão recalcadas ou reprimidas, deve haver uma instância na qual elas se encontram, ou seja o Inconsciente.

Winnicott (1968), em seu trabalho intitulado “As Comunicações entre o bebê e a mãe e a mãe e o bebê, comparadas e contrastadas”, diz o seguinte:

“Já terão notado que a palavra ‘Inconsciente’ não aparece em meu título. Existe uma razão óbvia para tal. A palavra ‘Inconsciente’ aplicar-se-ia apenas ao estudo da mãe.

Quanto ao bebê, não há ainda um consciente e um inconsciente na área que desejo examinar. O que existe é uma certa quantidade de anatomia e fisiologia e, além disso, um potencial para o desenvolvimento numa personalidade humana (...) A base sobre todas as teorias sobre o desenvolvimento da personalidade começa antes do nascimento real do bebê, que conduz consigo a idéia de que nada do que tenha sido parte da experiência se perde ou pode ser perdido, mesmo que, sob vários e complexos aspectos, devesse tornar-se, e realmente se torna, inacessível à consciência.”

Pois bem, após essa citação, quero sugerir que, ao nos referirmos ao tratamento analítico dessas crianças, talvez devêssemos resgatar o conceito de “construção”. Utilizando-o não no sentido dado por Freud, qual seja *“reconstruir nos seus aspectos simultaneamente reais e fantasmáticos uma parte da história infantil do indivíduo”* (Laplanche e Pontalis, 1970), mas ampliando-o para o sentido que a própria palavra sugere. Construir um self e não reconstruir algo que parece jamais ter sido edificado.

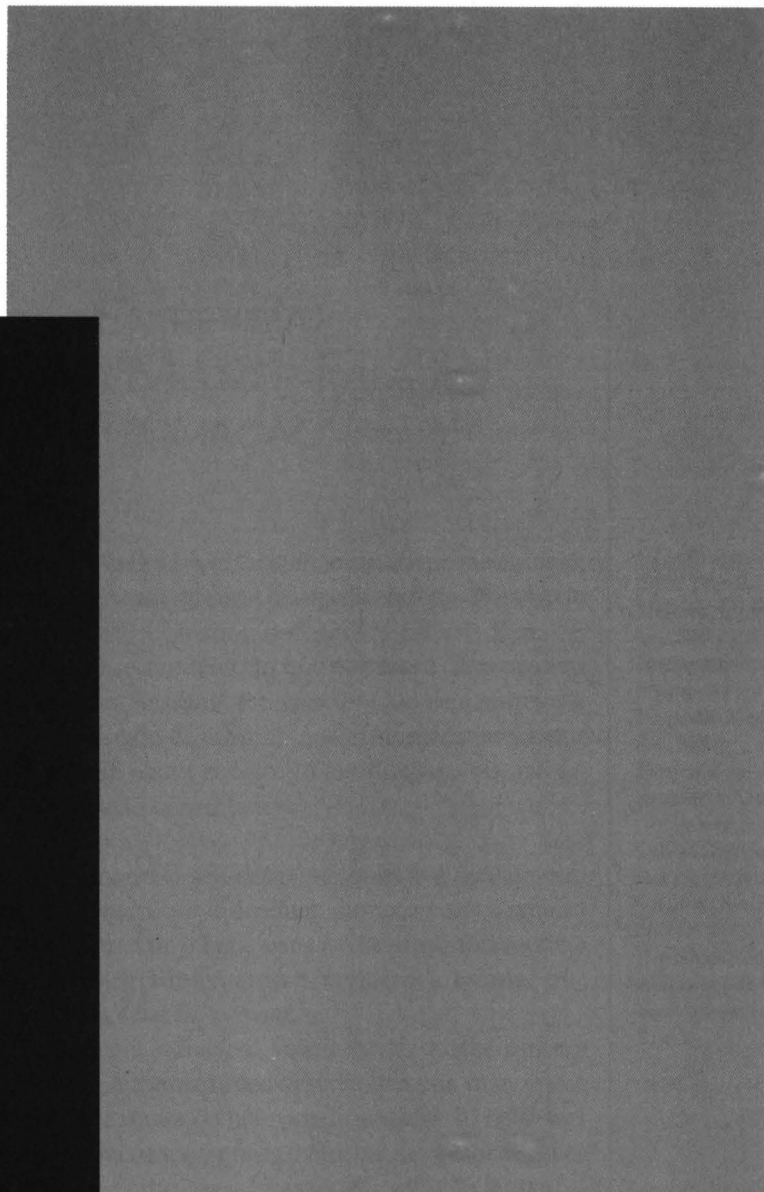
IX - Conclusão

A partir da relação terapêutica, um mundo de significados pode ser construído, dando, simultaneamente, a possibilidade de ressignificar as experiências da “memória corporal”, desde o nascimento ou talvez antes deste. A função do analista seria ajudar a constituir a mente dessas crianças, “per via de porre”, como nos modelos das artes de Leonardo da Vinci (Freud, 1905a) e também por uma espécie de “per via de modello”, no sentido de dar forma a uma qualidade de “massa” ainda informe.

É importante estarmos atentos à natureza assimbólica do funcionamento destas crianças, para que nossas atitudes e nossas interpretações ou construções sejam adequadas ao estado em que elas se encontram. Assim poderemos facilitar o desenvolvimento da capacidade de simbolização, corrigindo os caminhos ou eliminando os obstáculos que impedem seu desenvolvimento.

BIBLIOGRAFIA

- ALVAREZ, A. - *Companhia viva: psicoterapia psicanalítica com crianças autistas, limítrofes, carentes e maltratadas*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1994.
- ANTONUCCI, R. - *Educador terapêutico: um novo papel no tratamento das psicoses infantis*. Dissertação de Mestrado. São Paulo, PUC, 1990.
- BETTELHEIM, B. - *A Fortaleza vazia*. São Paulo, Martins Fontes, 1987.
- BICK, E. - *A Experiência da pele em relações objetais arcaicas*. *Jornal de Psicanálise*. São Paulo: 20 (41): p. 27-31, 1987.
- BION, W.R. - *Aprendendo de la experiencia*. Mexico, Paidós, 1987.
- _____ - "Una teoria del pensamiento", In: *Volvendo a pensar*. 3 ed., Buenos Aires, Hermé, 1985.
- BOWLBY, J. - *Cuidados maternos e saúde mental*. São Paulo, Martins Fontes, 1988.
- FREUD, A. - *O Tratamento psicanalítico de crianças*. Rio de Janeiro, Imago, 1971.
- FREUD, S. - *Edição Standard Brasileira das Obras Completas*. "Sobre a Psicoterapia". vol. VII; Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- KLEIN, M. - *Contribuições à psicanálise*. São Paulo, Mestre Jou, 1981.
- _____ - *Os Progressos da Psicanálise*. Rio de Janeiro, Guanabara, 1982.
- LAPLANCHE, J. e PONTALIS, J. B. - *Vocabulário de psicanálise*. 7ª ed., São Paulo, Martins Fontes, 1967.
- MAHLER, M. - *As Psicoses infantis e outros estudos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1989.
- MELTZER, D. - *Exploracion del autismo*. Buenos Aires, Paidós, 1979.
- ROSENFELD, H. - *Impasse e interpretação*. Rio de Janeiro, Imago, 1988.
- _____ - *Os Estados psicóticos*. Rio de Janeiro, Zahar, 1968.
- TUSTIN, F. - *Autismo e psicose infantil*. Rio de Janeiro, Imago, 1975.
- _____ - *Estados autísticos em crianças*. Rio de Janeiro, Imago, 1984.
- _____ - *Barreiras autistas em pacientes neuróticos*. Porto Alegre, Artes Médicas, 1990.
- WINNICOTT, D. W. - "As Comunicações entre o bebê e a mãe e a mãe e o bebê, comparadas e contrastadas." In: JOFFE, W. G. (org) *O que é psicanálise?* Rio de Janeiro, Imago, 1972.
- _____ - *Textos selecionados. Da Pediatria à psicanálise*. Rio de Janeiro, Francisco Alves, 1988.



LEITURAS

ENTREVISTA: DONALD MELTZER FALA AO FORMAÇÃO*

Formação em Psicanálise: Gostaríamos, em primeiro lugar, que esta entrevista alcançasse a beleza do método descoberto por Freud, como o senhor o descreve no seu livro “A Apreensão do Belo”, ou seja, o método que permite a duas pessoas terem a conversa mais interessante do mundo. Que esta entrevista pudesse se fazer nesse estado de espírito. Assim, começaríamos por lhe pedir que nos falasse sobre o belo do ser humano ou, talvez, sobre a mente e sua relação com a beleza.

Meltzer: A beleza da mente e seu desenvolvimento é um assunto muito individual, extremamente individual; começa com a relação extremamente individual entre o bebê e sua mãe e aí vai abarcando a organização da família gradualmente e também a escola, que representa a extensão da relação familiar.

Nessa relação altamente individual mãe-criança, o bebê está em confronto com a mente extremamente desenvolvida da mãe, o que em toda mãe sã é algo de muita complexidade e beleza. O bebê traz consigo também toda uma carga genética na forma de concepções que também é muito complexo. Essa confrontação entre as concepções do bebê que foram desenvolvidas ao longo de milhares de anos, a carga da mãe, que são as próprias concepções e tudo aquilo que ela desenvolveu na sua experiência de 20, 30 anos de idade, coloca o bebê diante de um objeto de tal beleza mental, na sua capacidade para pensar e para compreender uma emoção, que o bebê dificilmente pode tolerar. Então, o primeiro movimento do bebê nessa intolerância é tentar diminuir o impacto desse objeto estético, fazendo “splitting” do objeto e dele próprio.

* Esta entrevista com o Dr. Donald Meltzer foi realizada em São Paulo pelo Departamento Formação em Psicanálise, em abril de 1996. Participaram da entrevista Armando Colognese Jr., Maria Tereza Scandell Rocco, Suzana Alves Viana e Cecilia Noemi de Camargo. A tradução foi realizada por Maria Tereza Scandell Rocco.

Formação: Por não suportar a beleza? Pela beleza ser algo tão estonteante?

Meltzer: Porque o bebê não pode tolerar o impacto dessa beleza. E assim o objeto é basicamente cindido entre objeto presente e objeto ausente. O bebê divide-se entre o bebê que presta atenção e o bebê que não presta. A parte do bebê que não presta atenção a esse objeto e sua beleza, presta atenção a outras coisas, coisas que tenham menos beleza ou que aparentemente não se impõem como objetos estéticos de beleza.

Formação: Pela beleza ...

Meltzer: ... então, não causam impacto no bebê. E essa cisão fundamental entre essas duas partes que eu já mencionei é uma coisa contínua na vida do bebê, é um conflito contínuo na vida do bebê.

A parte do bebê que presta atenção ao objeto estético está em busca constante de uma intimidade com o objeto. E a outra parte do bebê que procura outros objetos, procura a comunidade.

Então, a primeira parte procura a intimidade da compreensão com esse objeto estético. A segunda parte procura a comunidade no sentido de uma homogeneidade de pensamento e sentimento.

Formação: Seria uma massificação? A comunidade como aquilo que traz um processo de massa *versus* um processo de interioridade e singularidade da intimidade com o objeto estético?

Meltzer: Sim, procura um sentido de comunidade e uma adaptação ao grupo. Essas duas partes estão sempre em tensão entre si. Quando fica mais forte de um lado, enfraquece o outro, quer dizer, existe essa dinâmica. Entre as atividades humanas, as atividades de constituir uma família, as atividades artísticas e científicas, atividades de fazer psicanálise, são aquelas que dizem respeito à relação da pessoa com o objeto estético. E nessas atividades, a preocupação com a adaptação ao grupo diminui essa carga de relação estética. Assim, nesses âmbitos, arte, ciência, psicanálise, as pessoas, ao se associarem para se comunicar sobre suas diferenças e semelhanças, sobre seus sentimentos e pensamentos, enfraquecem o sentimento estético.

E uma mensagem que eu dou para vocês, como membros de um grupo psicanalítico: a preocupação de vocês deveria ser a descoberta e a comunicação das suas diferenças e não das suas semelhanças.

Formação: Por que a intimidade com o estético produz tanto medo? É devido à solidão que produz, em oposição à preocupação com a comunicação?

Meltzer: Em minha opinião é o impacto estético em si que é temido. Eu acho que, em síntese, é o impacto estético que é temido e evitado. Penso que é uma afirmativa muito forte que deveria ser decomposta em outros detalhes, mas, fundamentalmente, é o impacto que é temido e é dele que se foge.

Formação: Pelo seu texto entendemos o senhor nos dizer que as instituições, a comunidade, preparam o homem para ser útil, para a obediência. Nesse sentido, a nossa pergunta seria: como preparar o analista para ser belo?

Meltzer: Na minha opinião, as instituições não podem desempenhar esse tipo de função, só a família pode. Se uma instituição se organizasse verdadeiramente na forma de uma família, ela pode talvez desempenhar isso, mas não é bem assim, nunca se chega a isso. Penso que, no que diz respeito ao desenvolvimento estético, cada indivíduo tem que ser responsável por se desenvolver por si próprio. Se ele puder usar os recursos que uma instituição propicia para desenvolver a sua individualidade, muito bem. Mas, lembro que toda instituição tem, por sua natureza, um caráter conservador e demanda uma obediência.

Formação: É por conta disso que ocorrem tantas cisões em instituições?

Meltzer: Não saberia dizer sobre as cisões em instituições, mas penso que isso faz parte da agressividade e da combatividade naturais em pessoas que tendem a se agrupar. Mas o que costuma aparecer como consequência é que as pessoas se desiludem e abandonam a instituição.

Formação: Nós poderíamos entender a beleza como um conceito ligado ao luto, no sentido da capacidade de ultrapassar o luto, revivendo o amado perdido numa obra de arte, por exemplo?

Meltzer: Acho que Freud não entendeu o luto, Freud via o luto apenas do ponto de vista do egocentrismo e da renúncia das esperanças e expectativas do sujeito em relação ao objeto. O ponto de vista kleiniano, na verdade pós-kleiniano, toma o problema do luto não como uma desistência do mundo externo, mas como uma transferência do mundo externo para o mundo interno. Isso envolve uma transformação de valores estéticos em valores espirituais, o que tem sido a tarefa do pensamento religioso há milênios e que tem sido constantemente sabotado e destruído pelas instituições religiosas.

Formação: E o trabalho psicanalítico, no que ele serve para resgatar o belo?

Meltzer: Esse é o trabalho da análise pessoal. Esse trabalho requereria um analista verdadeiramente envolvido com o método analítico e um paciente verdadeiramente cooperando nesse método. Quando isso é feito, o curso da análise vai gradual e firmemente na direção da posição depressiva e sua evolução costuma ir na direção do que chamamos de desmame, isto é, a desistência da dependência e a transformação do objeto externo num objeto interno. Esse processo, quando desenvolvido verdadeiramente, deveria resultar num desenvolvimento da individualidade, numa grande capacidade de pensar por si próprio, que depende da capacidade de formação autônoma de símbolos e que não está mais na dependência dos símbolos recebidos prontos de outras pessoas. É claro que esse alto grau de desenvolvimento individual não tem nada a ver com a obediência; está em oposição com o grau de obediência. Isso produz a noção de que não há propostas irrecusáveis, e a individualidade supõe que a pessoa possa recusar mesmo com uma arma apontada na sua cabeça. Isso significa que o que se quer impor ao sujeito – a essência da obediência – no sentido de ele submeter à degradação seus objetos, isso pode ser negado.

Formação: O senhor entende o processo analítico como essa constante evolução em direção à posição depressiva. Existiria uma

relação dessa posição depressiva com a diminuição do impacto do belo com a comunidade, ou isso já está formado desde o primeiro contato do bebê com sua mãe?

Meltzer: O limiar da posição depressiva é o ponto, no desenvolvimento, em que começam a se aproximar as duas metades do bebê: o bebê que se relaciona com a ausência da mãe e o bebê que se relaciona com a presença da mãe. O complexo de Édipo já está presente desde o início da vida no mundo externo ou talvez até antes disso: é essencialmente o complexo de Édipo pré-genital. No limiar da posição depressiva, essas duas partes do bebê, que são relacionadas à presença da mãe e à ausência da mãe, despertam o complexo de Édipo genital, que toma forma do conflito sobre a gênese do próximo bebê, e esse conflito a respeito do próximo bebê que requer o desmame. Ao bebê nunca recebeu a demanda de que ele desistisse do seio, a não ser em benefício do próximo bebê.

Formação: Qual é a doença mental desse nosso final de século? De algum modo, nesse pós-modernismo, não estaremos perdendo a tragédia? A nossa cultura não está perdendo o contato com a tragédia, no caso, edípica? Os bebês de proveta e a tecnologia genética avançada não nos trazem o risco de perdermos o trágico e, nesse sentido, o contato com a morte, e conseqüentemente, com o luto do perdido?

Meltzer: Na minha opinião, a tragédia deste fim de século não é fundamentalmente diferente do que sempre tem sido, isto é, a cultura grupal é sempre conservadora e exclusivista, está sempre dedicada a evitar o novo bebê. Um exemplo seriam vocês e suas vidas institucionais. A essência do poder de uma instituição está investida no seu comitê de admissão. Pode estar também investida no comitê de ética, que tem o poder de excluir pessoas desobedientes. As pessoas que procuram o poder político, procuram o poder de excluir. E isso não é possível totalmente, elas não podem realmente evitar o desenvolvimento individual, mas podem evitar que os indivíduos entrem no grupo e também podem excluir indivíduos que entraram no grupo e que se mostraram desobedientes.

A tendência do século XX e do fim do século é que os instrumentos de poder têm se tornado cada vez mais de ordem econômica. Isso vale seja para instituições psicanalíticas, países ou

mercados comuns. E congêneres. E, é claro, isso levanta o problema: por que as pessoas têm tanto medo da pobreza?

Formação: O senhor vê uma relação entre a exclusão e o impacto com o belo?

Meltzer: Retomando o que já expliquei anteriormente, existem as duas partes do bebê, a que presta atenção no objeto estético e a que tira sua atenção do objeto estético e presta atenção em outros objetos.

Formação: Existe uma coerência em pensar que a psicanálise teve uma clínica das neuroses, das psicoses e agora das perversões?

Meltzer: Não. É apenas uma questão de progresso, que aconteceu gradualmente; inclui mais e mais e, eventualmente, espera-se, toda a natureza humana no escopo da competência da psicanálise. É um progresso da psicanálise conseguir manter cada vez mais seu interesse na beleza do objeto, malgrado seus defeitos. E é verdade que a psicanálise tem ampliado o estudo da neurose, psicose, perversões, drogadição, e atingiu um ponto no qual não é correto você dizer que algum caso não é passível de tratamento. Acredito que o método psicanalítico como tem sido desenvolvido é competente para todos os problemas. O método em si é competente, isso não necessariamente se aplica aos indivíduos, àqueles que aplicam o método e àqueles que se submetem ao método. Mas o método é competente para abarcar toda a patologia. Somos obrigados a ver até assassinos em série ("serial killers") como seres humanos.

Formação: Continua pensando, como escreveu em "Os Estados Sexuais da Mente", que perversão seja sadomasoquismo e o resto seja sintoma?

Meltzer: Essa é a marca registrada da perversão, o sadomasoquismo, e em todas as suas variações, que são muitas. A decisão de Freud de que há um masoquismo feminino normal é abominável. Ele nunca disse que havia um sadismo normal masculino.

A PROPÓSITO DA ENTREVISTA DE DONALD MELTZER

Gilberto Safra*

* Psicanalista,
Professor da
Pós-graduação
do Instituto de
Psicologia da
USP e da
Pontifícia
Universidade
Católica - SP.

Penso ser fundamental considerar a experiência estética na constituição da subjetividade humana. Meltzer, tendo como vértice o referencial kleiniano, há alguns anos vem enfatizando a importância desse fenômeno para a comunidade psicanalítica internacional.

Na situação clínica, é freqüente o aparecimento de situações em que o paciente experimenta vivências estéticas que parecem ser significativas na evolução psíquica do analisando. Trata-se de uma ocorrência que independe do tipo de quadro psicopatológico apresentado pelo paciente. Mesmo aqueles analisandos de funcionamento mental bastante primitivo são tocados pela beleza.

Analisei durante alguns anos um rapaz (na época do episódio que vou relatar ele tinha 16 anos) com diagnóstico de autismo, que estava em tratamento desde os 4 anos de idade. Fui o seu segundo analista. Suas sessões eram povoadas com ecolalia, balanceio de corpo. Sua fala parecia estereotipada, pois repetia monotonamente as mesmas palavras de seu reduzido repertório.

Certa vez, disse algo a ele, e ele como de costume repetiu a minha fala. De repente, percebi algo que nunca tinha notado antes: **ele repetia as palavras que tinham sido ditas a ele, mas em um outro perfil sonoro.** Repeti, em seguida, apenas o perfil sonoro que ele havia anteriormente emitido. Esse procedimento modificou

profundamente a situação transferencial. Ele me olhou nos olhos, sorriu, bateu palmas e pulou alegremente por alguns minutos. Dirigiu-se a mim, novamente, emitiu um outro perfil sonoro e olhou-me em expectativa. Repeti a melodia. Outra vez, ele sorria, pulava, batia palmas chorando de contente.

Essa experiência repetiu-se inúmeras outras vezes na situação clínica e também em sua casa. A análise progrediu, possibilitando que ele sáísse de seu autismo.

Observei que a experiência de reconhecimento de si no outro, o reflexo especular fornecido pelo outro abriu a possibilidade de que o paciente encontrasse a si mesmo, ao mesmo tempo em que encontrava o outro, tudo acompanhado por vivência estética tanto do paciente quanto do analista. A beleza inaugurava a possibilidade de existir.

Lembrei-me da experiência de Helen Keller, quando ela associa pela primeira vez a palavra “água” com o objeto “água” com a ajuda de sua professora. Em sua biografia, ela nos diz que a partir daquele momento *“soube então que á-g-u-a significava o algo maravilhoso e frio que escorria sobre a minha mão. Aquela palavra viva despertou-me a alma, deu-lhe luz, esperança, alegria, libertou-a!”* (apud Langer, p. 72).

Estamos diante de fenômenos psíquicos que iniciam o sujeito na experiência de ser, para poder existir. Repetir o perfil sonoro que o rapaz emitia era ecoar a sua existência. O terrível é que emitir um som sem que ele jamais tenha sido ecoado é perder-se em espaços infinitos que aniquila qualquer registro da vida psíquica – é o não-ser.

Ecoar a sua sonoridade é também possibilitar que o paciente encontre, ou reencontre, a sua criatividade primária – estabelecimento do objeto subjetivo que dá ao paciente a condição de encontrar o gesto criador, o suporte para o estabelecimento da pulsão.

Langer (1941) nos diz: *“Se, agora, seus atos audíveis suscitam ecos no ambiente – isto é, se seus pais lhe respondem – há um aumento de experiência; pois o bebê parece reconhecer, gradualmente, que o som que lá ocorre, e lhe chega, é o mesmo de sua lalação. Trata-se de uma abstração rudimentar; por esta mesmice, torna-se cômico do tom, o produto de sua atividade, que lhe absorve o interesse. Repete o referido som de preferência a outro. Seu ouvido efetuou primeiro julgamento. Um som (tal como da-da, ou má-má, provavelmente) foi concebido e sua difusa consciência de vocalização cede lugar à consciência aparentemente de um vocábulo.”* (p. 131)

A experiência estética anuncia o emolduramento de aspectos fundamentais do *self* do paciente, que aguardavam em potencialidade a possibilidade de vir-a-ser. A experiência estética é, por essa razão, um rico sinalizador para o analista do lugar em que o *verdadeiro self* vive em estado de crisálida. O aparecimento dessas experiências surge através da sonoridade, como no caso relatado, outras pela imagem, pelo texto, pela palavra potencialmente poética, por elementos que apresentam o estilo de ser, funções ou aspectos do *self* do analisando.

De meu ponto de vista, essa experiência é isenta de conflito, desde que haja um real espelhamento por parte do outro, condição necessária para o surgimento da ilusão constitutiva do *self*. Acredito que o conflito estético ocorra naquelas situações em que a mãe não pôde suportar ser criada pelo seu bebê invadindo o espaço existencial do bebê com a alteridade antes que o bebê tenha condições de lidar com essa experiência de um ponto de vista mental. Trata-se de mães que aprisionam o bebê em uma vivência de fascínio sedutor, impedindo que o bebê tome posse de sua criatividade primária e de seu desejo, posteriormente. A única saída para essas crianças é o desenvolvimento precoce das funções mentais para controlar a sedução paralisadora da mãe. Aqui vamos encontrar o aparecimento do conflito estético em que o bebê, cativado pela beleza da mãe, precisa pesquisar o interior dela, a fim de localizar-se perante as intenções maternas. A mãe aqui é um objeto ambíguo que atrai por sua beleza, mas aterroriza porque rouba o bebê de seu ser.

Considero que Meltzer enfoca a questão da experiência estética pelo ângulo da psicopatologia. A descrição que ele faz do bebê nos apresenta uma criança já com uma vida mental extremamente desenvolvida, já lidando com o objeto não-eu para poder dar conta do seu terror do objeto estético. Não houve aqui o fenômeno de ilusão que dá ao bebê as experiências fundantes de seu *self*. Houve, sim, uma experiência de invasão da criatividade primária do bebê. De fato, muitos pacientes apresentam o tipo de conflito descrito por Meltzer, mas a relação com o objeto estético muda radicalmente quando a análise é conduzida tendo em vista a necessidade que o paciente tem de constituir o objeto subjetivo.

Um paciente de 36 anos trazia uma situação psíquica em que a estética parecia ser fundamental. Havia preocupação intensa com a aparência, sofria imensamente se nascia uma espinha em suas costas. Fazia constantes reformas em seu apartamento para que ficasse mais

bonito. Viajava para fotografar e filmar os lugares para poder depois mostrar as belas imagens aos conhecidos. Andava com a fotografia de sua mãe no bolso, pois a achava muito linda, era grande a sua satisfação de mostrá-la para as pessoas, para que elas concordassem com a sua opinião a respeito de sua mãe.

Era um mundo extremamente plástico que o aprisionava em uma situação terrível. Ele nunca alcançava a beleza. Vivia terrores freqüentes povoado por fantasias hipocondríacas e de morte. Algo parecia estar sempre pondo em perigo a beleza de seu mundo. Ao longo da análise, fomos percebendo juntos que, de fato, ele estava morto há muito tempo. Não se tratava do medo de uma morte iminente, mas o terror de descobrir-se morto sem esperança de poder vir a existir algum dia. Havia construído uma personalidade fictícia segundo o desejo materno, com o emparelamento do menino cheio de vitalidade. A beleza roubava-lhe a sua vida.

Havia temores paranóides quanto à intenção dos outros para com ele, e o terror de vir a ser excluído do convívio com as pessoas.

A análise desses diversos elementos levou muito tempo, até que fosse possível tentar uma nova experiência na transferência. Isso se deu em um período de regressão, em que a dependência do analista era grande, o paciente ousou trazer um vaso de violetas para que o analista usasse em seu consultório. A oferta do presente foi acompanhada por medo de ser rejeitado e humilhado. Temia que seu gesto fosse destituído de qualidades positivas.

O vaso foi colocado na janela junto de outros, o que o deixou satisfeito. O significado mais consciente parecia ser colaborar com o ambiente do analista, de um ponto de vista mais profundo era um temor que a oferta de estar junto do analista pudesse ser encarada como algo desprezível ou até mesmo como um ataque à privacidade do analista. Relacionava-se transferencialmente com um objeto narcísico e auto-suficiente que não suportava seu gesto criador e/ou reparador.

Aproximadamente dois anos depois, disse em sua sessão que ao chegar no consultório havia observado as violetas floridas na janela e que ao cair da tarde achou tudo muito terno e ficou grato por estar vivo. Em seguida, felicita-me por eu ter violetas na janela. Agradeço lembrando a ele que um dos vasos de violetas floridas era o que ele tinha me ofertado. Fica surpreso e emocionado porque havia esquecido do presente violeta que ele havia me dado. Nesse momento,

presenciamos o aparecimento da experiência estética pelo reencontro do seu gesto criador e de seu *self*. Era possível contribuir com a beleza do mundo.

Penso ser importante mantermos discriminados a experiência estética como fundante do estado de ilusão, do impacto estético fruto do fracasso da ilusão. A psicanálise teve durante anos como objeto de investigação a psicopatologia, o que parece ter nos levado muitas vezes a ter como referência fundamental o patológico, afastando-nos da ocorrência dos diferentes fenômenos psíquicos em sua positividade e em sua normalidade. Parece que um dos nossos “calos” profissionais é acreditar que a negatividade da experiência humana é o critério de realidade, enquanto os aspectos normais ou positivos da experiência humana seriam frutos de apreensão romântica da realidade.

Como a piada do paciente que continuamente afirmava que tinha um jacaré debaixo de sua cama, apesar de seu analista sempre interpretar o seu relato como um fenômeno de alucinação. Até que o paciente não mais comparece às sessões porque havia sido comido pelo jacaré. Gostaria de lembrar que algumas vezes, de fato, há um vaso na janela.

REFERÊNCIA BIBLIOGRÁFICA

Langer, S - *Filosofia em Nova Chave* (1941). São Paulo: Perspectiva, 1989.

INTERROGANDO A BELEZA

João Augusto Frayze-Pereira*



entrevista com D. Meltzer desenvolve-se tocando na superfície de diversas questões: o caráter conservador das instituições sociais em contraste com a experiência da beleza; a problemática da violência dessas instituições na relação com o belo desenvolvimento individual; a questão da formação psicanalítica e da necessidade de uma política de formação facilitadora daquele tipo de experiência da beleza. São questões de extrema complexidade que, evidentemente, não poderiam ser tematizadas todas num breve comentário. Entretanto, a idéia forte que articula toda a entrevista e que em mim suscitou algumas interrogações é, justamente, a idéia de beleza.

No contexto dessa entrevista, a beleza é tematizada sobretudo a partir da relação primordial mãe-bebê: “beleza da mente”, beleza da mente materna; beleza como questão “muito individual”, como uma questão que só se apreende na singularidade de uma relação; o “impacto da beleza”, o que em outras palavras significa a tolerância/intolerância à beleza; a relação da pessoa com o “objeto estético” – são expressões presentes na comunicação de Meltzer e que tornam possível tratar a questão do “belo” nos termos mais amplos da questão da “experiência estética”. Entre a mãe e o bebê dá-se um tipo de relação, tal como a concebe Meltzer, que pode nos levar a pensar numa certa forma da experiência estética. No entanto, no

* Professor
Doutor do
Instituto de
Psicologia da
USP/Professor
Colaborador do
Museu de Arte
Contemporânea
– USP/
Formação no
Instituto da
Sociedade
Brasileira de
Psicanálise de
São Paulo.

âmbito dessa entrevista e embora exista a possibilidade da associação à “experiência estética” e ao “objeto estético”, a beleza não chega a ser definida, nem minimamente abordada, do ponto de vista estético. E isso pode ser problemático em se tratando de uma idéia – a idéia de beleza – que historicamente é anterior às idéias psicanalíticas, marcada por antigos e densos compromissos culturais e filosóficos. Nesse sentido, deve-se lembrar resumidamente que 1) em suas origens, a Estética se volta para o Belo como idéia e seu reflexo nas Artes como um tipo de conhecimento sensível, confuso e inferior ao racional, claro e distinto, isto é, o conhecimento voltado para a verdade; 2) será somente através da Filosofia de Kant que a questão do Belo irá se converter na questão da “experiência estética” a ser diferenciadamente interpretada pelas diversas tendências teóricas e artísticas do século XIX; 3) cabe à História da Arte registrar e interpretar os modos pelos quais os homens elaboraram psicológica e culturalmente a Beleza compreendida como valor. Nesse sentido, tanto a Estética quanto a História da Arte fazem-nos compreender que o Belo não possui a mesma forma e significação em todas as épocas e lugares. Assim, associado a um objeto estético singular, o Belo passa a ser componente de uma experiência propriamente poética, quer dizer, vinculada a uma linguagem, portanto, a uma forma que o manifesta de modo sensível.

Mikel Duffrene e Luigi Pareyson, dois grandes estetas contemporâneos de índole fenomenológica, pensaram sobre a experiência estética e o poético. E a reflexão que desenvolveram, como a de muitos outros de mesma índole, é bastante clara: o estético manifesta-se sempre como poética.

Para Pareyson, confundir “estética” e “poética” é uma operação ideológica que põe no lugar do universal o singular, absolutizando uma concepção específica (da Arte, da Beleza) e disciplinando o que é essencialmente aberto. Por exemplo, através de uma determinada concepção da Beleza ou da Arte (seja a idéia de “totalidade”, de “desenvolvimento”, de “harmonia” etc.), reduz-se o campo de manifestações da própria Arte e da Beleza (que podem vir a ser, dependendo da poética em questão, pela “fragmentação”, pela “desintegração”, pela “regressão” etc.). Ou seja, uma estética normativa que normaliza a Beleza, em nome de qualquer concepção, é sempre perigosa. Como se sabe, foi uma operação como essa que produziu na Alemanha a “Arte Degenerada”.

Ora, a partir daí, como se pode compreender, sem reducionismo, o que é poetizável? Apenas como sugestão de uma reflexão, lembro Duffrene, que diz:

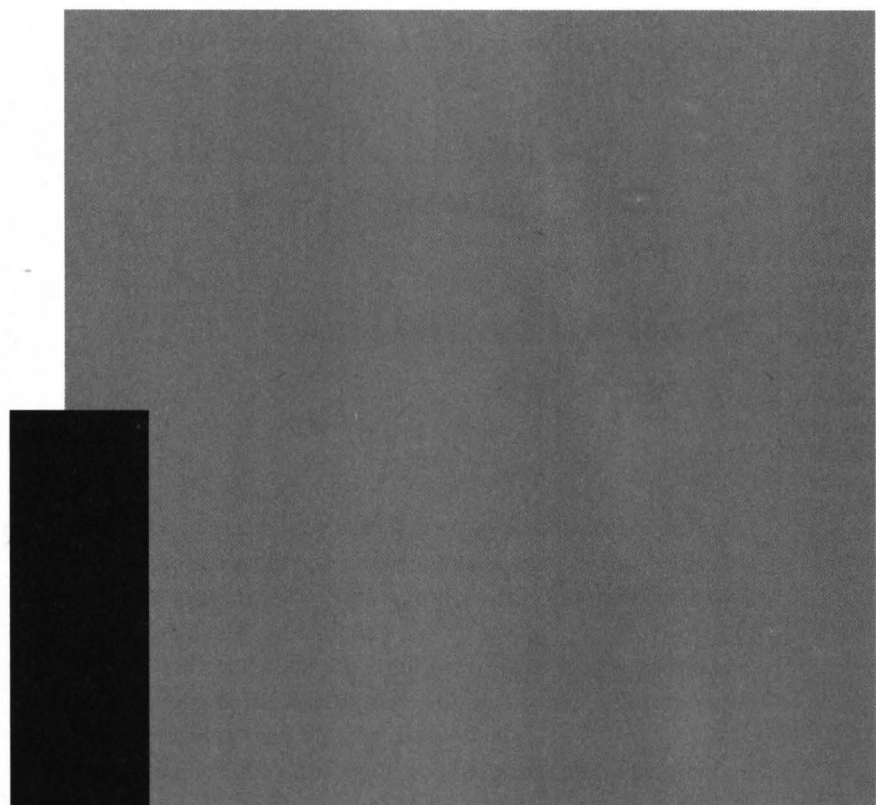
habitar poeticamente o mundo (como queria Hölderlin com a poesia e como pretendeu Merleau-Ponty com a filosofia) é experimentar uma situação originária que não se resolve num ato como os que a necessidade ou o hábito suscitam, mas que se quer dizer.

E, conclui,
nenhuma disposição conceitual poderá traduzir esse sentimento fundamental do mundo, porque todo conceito está voltado à inteligência dos objetos. Somente a linguagem poética pode exprimi-lo. O poetizável e, mais geralmente, o que é passível de arte, é o objeto cujos contornos se esfumam, ou melhor, cuja significação se ilimita, e que se torna figura ou centro de um mundo.

Esse sentimento é o da união do homem com o mundo, união da qual fala a linguagem propriamente poética que se desdobra em mito, que se organiza em cosmologia ou em teogonia. São as potências e os deuses que a palavra poética evoca, porque é do poeta moderno remontar às origens da linguagem para facultar a emergência das imagens primordiais àqueles que não possuem a clareza e a univocidade da coisa sabida em si mesma, embora já sejam percebidas. São imagens que formam a primeira repercussão do mundo no homem. E é do poeta libertar essas imagens fixando-as nas palavras (ou, amplamente, no sensível) que solicitam; abrir por essa via um mundo em que seu interlocutor, seu outro, possa, por sua vez, penetrar. Se a experiência poética é uma manifestação da *alteridade* constitutiva do humano é porque ela surge concretamente pela linguagem que é o meio de que o homem dispõe para fazer-se outro. Experiência da intersubjetividade é concretamente o que realiza a experiência poética, como experiência estética. Ou seja, se os poetas são sedutores, como diz Leyla Perrone-Moisés, é porque foram vítimas de uma sedução primeira, exercida pela própria linguagem. Porém, é pela via desviante da expressão poética que o teórico encontrará junto ao poeta matéria-prima para pensar um

encaminhamento para a tensão sujeito-objeto, para a questão da intersubjetividade que, essencialmente, parece ser, é a questão de Meltzer nos limites dessa entrevista.

Ora, se ao falar do Inconsciente, o artista ou o filósofo que não têm formação em Psicanálise certamente correm o risco das abstrações, considerar a Beleza sem referência ao complexo campo teórico-experencial em que o termo se enraiza pode favorecer alguns equívocos.



R E S E N H A S

REVISTA PORTUGUESA DE PSICANÁLISE*

Marina Ferreira da Rosa Ribeiro **

Foi uma agradável surpresa saber que nossos irmãos de língua portuguesa estão produzindo interessantes e atuais reflexões sobre a psicanálise. Ao longo dos artigos, percebe-se uma clara influência da escola inglesa.

A revista reflete um bom equilíbrio entre textos teóricos e clínicos, abrangendo até temas mais amplos, como o feminismo e seus mal-entendidos com a psicanálise.

Destaco três artigos entre os nove apresentados. O primeiro é da Dra. Maria de Fátima Sarsfield Cabral: Contribuições da Psicanálise para a Psicologia e Teoria do Conhecimento. O título do artigo não é convidativo, é necessário deixá-lo em suspenso para se fazer um agradável mergulho nas idéias da autora, que desenvolve seu trabalho sobre a teoria do conhecimento e sobre o pensamento percorrendo a obra de Bion e Meltzer. É um artigo teórico, mas o pensamento clínico também está presente.

O segundo artigo que destaco é da Dra. Maria da Piedade Pessoa – Controvérsias Epistemológicas da Psicanálise Contemporânea. A autora discute o estatuto científico da psicanálise através de uma rica revisão bibliográfica. Começa comentando o dilema de Freud, de desejar um estatuto científico para a psicanálise dentro de uma concepção positivista das ciências naturais e a percepção do fato de a psicanálise não se encaixar nessa concepção. A autora descreve e discute três tendências atuais para o problema da fundamentação

* Revista Portuguesa de Psicanálise – órgão da Sociedade Portuguesa de Psicanálise – Ed. Afrontamento – Porto – Portugal – n° 13 – 1994.

** Psicanalista, membro do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae.

da psicanálise. A primeira tenta aproximar novamente a psicanálise das ciências naturais; a segunda considera a psicanálise como uma hermenêutica; e a terceira considera que a psicanálise necessita de uma fundamentação epistemológica própria. A autora conclui que a psicanálise é um campo de estudo próprio, com uma metodologia específica. Sugere um modelo psicanalítico para a psicanálise e exemplifica o que seria esse modelo psicanalítico: “o objeto da psicanálise, ao ir deslizando do inconsciente do outro para a relação transferência/contratransferência, leva a que, não apenas o instrumento de conhecimento do investigador seja pessoal, mas também, pelo menos parcialmente, o objeto (a relação diádica). Isto implica uma consequência epistemológica radical: a teoria psicanalítica tem também de ser pessoal”.

O terceiro artigo é do Dr. João Seabra Diniz – A Psicanálise na Interação Indivíduo/Sociedade para o Desenvolvimento. Novamente me parece que o autor não foi feliz no título (característica de nossos colegas portugueses !?). Resguardado o título, o artigo é uma reflexão sobre o sentir e o pensar, e como o desencontro de ambos pode causar sofrimento e doença. O pensamento do autor está parcialmente exemplificado neste parágrafo:

“O trabalho de viver com inteligência, a tarefa de pensar sem preconceitos – diríamos em linguagem psicanalítica, sem excessivas defesas – é o que permite aprender com a experiência e construir uma certa unidade interior, que proporciona um verdadeiro prazer. É essa integração que permite um contato de verdadeira descoberta do outro, que é o grande prazer da vida humana, e tem na relação amorosa o seu paradigma mais expressivo e o modelo mais conseguido de harmonia do físico e do mental.”

É uma bela compreensão da vida e do ser humano, e como diz Meltzer, a verdade é bela, é o alimento da mente. E pelo visto nossos irmãos portugueses também estão inspirados nesta arte-ciência que é a psicanálise.

APRESENTAÇÃO E APROVAÇÃO DE TRABALHOS

O Boletim Formação em Psicanálise, publicação do Departamento Formação em Psicanálise do Instituto Sedes Sapientiae é uma revista semestral e tem por objetivo a divulgação de trabalhos relacionados à psicanálise e campos afins na forma de artigos, leituras (comunicações, comentários ou resenhas de livros), conferências, entrevistas e cartas.

Os trabalhos para publicação devem ser encaminhados à Comissão Editorial do Boletim Formação em Psicanálise (Rua Ministro Godoy, 1484, sala 25, Cep 05015-001, São Paulo, SP), em disquete (programa compatível com Word) e com três cópias impressas. Para facilitar a comunicação com os leitores, no final do texto deve constar o nome do autor, o telefone e o endereço para envio de correspondências.

A colaboração recebida será submetida à apreciação do Conselho Editorial, que decidirá sobre sua aprovação. Os conceitos e opiniões expressos nos trabalhos são de total responsabilidade dos autores. Os originais não serão devolvidos, mesmo quando recusada sua publicação.

